

# Quando Estou Contigo

Beth Kery

*Tradução de Teresa Martins de Carvalho e Nanci Marcelino*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



# I

Quando Me Tocas



## Capítulo

### UM

Já passava da meia-noite quando Lucien abriu a porta das traseiras do seu restaurante e ficou, imediatamente, em alerta absoluto, apressando os seus movimentos. Ao longe ouviu o som baixinho de uma voz masculina. Um intruso conseguira contornar o sistema de segurança do restaurante. Apesar de o Fusion estar frequentemente a abarrotar com jantares chiques tardios e de receber multidões notívagas, o restaurante fechava ao domingo e à segunda-feira. Definitivamente, não devia estar ninguém lá dentro. Em silêncio, fechou a porta das traseiras, cerrando o punho em torno do taco de polo em madeira que trazia consigo. Há algum tempo que andava a planear substituir este, que estava rachado, por um intacto que tinha no armário das arrumações do Fusion. Agora planeava fazer algo diferente com o taco.

Lucien mantinha, em grande parte, a atitude vagamente divertida e cínica de um libertino experiente e cansado da vida. Um homem sem família, sem pátria, sem credo e que reclamava como sendo seus poucos dos bens materiais a que tinha direito por lei, e que eram muitos. Contudo, lutava por aquilo que *realmente* reivindicava. Sempre. Apenas ainda não se apercebera de que o restaurante, que adquirira recentemente e que geria, se entranhara tanto nele. Até àquele momento, em que estava pronto para ir à luta por ele.

Percorreu o corredor escuro com facilidade, seguindo o brilho de uma luz que cintilava à volta de uma porta parcialmente fechada, que dava para a área mais ampla do bar do restaurante. Virou a cabeça, inclinando-a para

ouvir melhor. Sentiu um arrepio correr-lhe pela espinha ao ouvir o som de um riso feminino. O riso baixo de um homem entrelaçou-se no dela; áspero e íntimo. Ouviu o som inconfundível de objetos a tilintar, como se estivessem a fazer um brinde.

Lucien aproximou-se da porta e encostou a cabeça à fenda.

— Porque é que estás sempre a brincar comigo? — ouviu o homem a perguntar.

— A brincar?

O ritmo cardíaco acelerado de Lucien pareceu hesitar por um instante assim que este ouviu a voz da mulher. Estranho. Ela era oriunda do país onde ele nascera. O tom da mulher soou divertido, melodioso e suave, o seu sotaque francês tinha traços britânicos. Provavelmente ele reconhecia aquela pronúncia por ser muito semelhante à sua.

— *Estás a gozar comigo* — disse o homem bruscamente. — Tens estado a gozar comigo a noite toda. E não só comigo. Esta noite não houve um único homem naquele restaurante que não tivesse ficado enfeitado por ti.

— Por acaso até estou a ser bastante cuidadosa. Afinal de contas, vamos trabalhar juntos — retorquiu a mulher, com um tom de voz subitamente mais vivo, mais calmo. Lucien ficou com a impressão de ela estar a lançar-lhe um aviso.

— Eu quero mais do que apenas trabalhar contigo. Quero ajudar-te. Quero-te na minha casa... na minha cama — disse o homem, ignorando o aviso da mulher. Num só segundo, Lucien passou de um estado alerta para irritado, ao reconhecer o homem que estava a falar. Ele não interrompera um assalto nas suas instalações.

Apanhara um ato de sedução em flagrante.

Repugnado, abriu a porta de rompante e caminhou a passos largos para o interior do restaurante de luxo pouco iluminado. O casal estava junto ao bar de mogno reluzente de frente um para o outro, com as mãos em torno de copos de balão de cristal. Ele reparou em como a mulher se afastou ligeiramente do homem, como se se sentisse repelida pela forma como ele a rondava. Ao longe, percebeu que ela usava um vestido de noite azul e prateado que ficava justo nos seios fartos e firmes e nas curvas provocadoras. O vestido tinha um decote profundo nas costas, revelando o vislumbre perfilado de pele branca imaculada que resplandecia sob a iluminação suave. A imagem da mão de Mario Vicente esparramada por aquela expansão de pele despida fez com que a irritação de Lucien evoluísse velozmente para um sentimento de fúria. O chefe de cozinha extremamente talentoso que Lucien contratara num dos restaurantes mais bem classificados de Las Vegas era uma verdadeira diva. Mario só reparou em Lucien quando este

ficou a apenas alguns centímetros de distância. Quando reparou, os seus olhos castanhos arregalaram-se.

— Lucien! — O copo de balão de cristal cheio entornou-se na mão de Mario. O olhar de Lucien passou rapidamente para a garrafa singular que estava sobre o balcão: conhaque *Dudognon Héritage*, um item do seu stock privado que tinha no escritório. Lucien atirou o taco de madeira que trazia consigo para cima do balcão de mogno e o som deste ressoou como uma advertência.

— Não me lembro de lhe ter dado o código do alarme do Fusion. Nem de o ter autorizado a entrar no meu escritório e usar o meu bar privado. Explique-se Mario! — exigiu Lucien, com um tom decidido, mas neutro, agora que entendia a natureza da invasão da sua propriedade. Era verdade que ele estava irritado com a infração cometida por Mario e certificar-se-ia de que o seu funcionário ficaria a saber disso. Mas ainda não decidira se devia rescindir com o idiota. Ele nunca gostara de nada acerca de Mario, mas, no fim de contas, era muito difícil encontrar um chefe de cozinha tão talentoso quanto ele.

— Eu... eu não estava à espera de o encontrar — disse Mario, procurando as palavras certas.

— Claro!

Lucien reparou no movimento ágil do braço despido da mulher, fazendo com que o licor se esbarrasse contra a curva do copo de balão. Pela primeira vez, olhou atenta e rapidamente para a outra ocupante da sala. Repetiu a análise uma segunda vez.

— *Merde!*

— *Lucien.*

— O que é que estás aqui a fazer, Elise?

De certeza que ele estava a ver coisas: um rosto do passado... um rosto bonito que ele, definitivamente, preferia que não aparecesse à frente dele nesta altura da sua vida. Que diabos estava Elise Martin a fazer no restaurante dele, em Chicago, a milhares de quilómetros do país de origem deles, a léguas da prisão de luxo do passado comum a ambos? Seria isto algum tipo de piada cósmica?

— Posso perguntar-te o mesmo a ti — retorquiu Elise rapidamente, com os olhos azuis-escuros a dardejar. Ao entender, as feições dela esbateram-se. — Lucien... *tu* és o Lucien *Lenault*. És o *dono* disto?

— *O quê?* Vocês conhecem-se? — perguntou Mario.

Lucien lançou um olhar repressivo a Elise. Os lábios exuberantes dela fecharam-se de imediato e ela dirigiu-lhe um olhar provocador. Ela entendera muito bem o aviso dele no que dizia respeito à ligação entre eles, mas isso não garantia nada.

Conhecendo como conhecia Elise, ela ainda não decidira se se manteria em silêncio ou não. Ele foi atravessado por um sentimento de ansiedade. Tinha de a tirar do Fusion custasse o que custasse... tirá-la da vida dele ali em Chicago. Elise Martin devastaria qualquer sítio em que pusesse o seu pé elegante e perfeitamente cuidado. Mais especificamente, ela podia destruir tudo o que ele obtivera durante a sua missão relacionada com o empresário multimilionário Ian Noble.

— Eu... eu peço desculpa. De certeza que um copo não faria mal. — Mario estava a falar atabalhoadamente. Lucien arrastou o olhar para longe do rosto atraente de Elise. — Eu sei que é o seu stock pessoal, mas...

— Está despedido — interrompeu Lucien sucintamente.

Mario pestanejou. Lucien começou a afastar-se.

— Lucien, não podes fazer isso! — exclamou Elise.

Ele virou-se subitamente ao ouvir o som da voz dela. Por um instante limitou-se a observá-la atentamente.

— Há quanto tempo? — perguntou-lhe ele, dirigindo aquela pergunta somente a ela e a mais ninguém. Ele viu o belo rosto dela ser atravessado por uma estranha mistura de emoções: desconforto, confusão... raiva.

— Já lá vão quase dois anos desde aquela noite no Renygat — respondeu ela, referindo-se à discoteca e restaurante dele em Paris. Ele tivera de lho entregar. Apesar da profusão de emoções que bruxulearam pelo rosto dela, Elise apresentou-se impávida e serena ao falar. *Raios a partam!* Qualquer homem que tentasse decifrar o enigma chamado Elise estaria condenado a uma vida de obsessão. Quem *era* ela? Seria ela uma herdeira rebelde e incontrollável ou um raio de sol luminoso, dourado e esquivo que atraía e atormentava?

— Lucien, não sejas tão precipitado — disse Elise suavemente, com um sorriso feiticeiro a moldar-lhe os lábios, um sorriso que provavelmente teria a capacidade de dar vontade a um homem de cometer assassinato. — Seria uma tolice despedires o Mario só por causa do que sentes por mim.

— Não vou despedi-lo por causa do que sinto por ti — retorquiu ele com um tom monocórdico. A imagem da mão de Mario sobre a pele branca dela assaltou-lhe a mente. *Mentiroso*. Ignorou, com todo o gosto, a voz implicante que ouviu na sua cabeça. — Vou despedi-lo porque ele obteve o código de segurança do restaurante clandestinamente, invadiu a minha propriedade privada e assaltou o meu stock privado.

Ela cortara a juba de cabelo louro, comprido e glorioso desde a última vez que a vira há dois anos. Agora tinha-o curto, de ondas reluzentes penteadas por trás das orelhas. Ele teria pensado que o ato de cortar aquelas ondas e madeixas poderia ter simbolizado a domesticação do espírito selvagem e infame de Elise, mas pensara mal. A insurreição de Elise via-se nos



olhos dela. A raiva endurecia-lhe as feições. Ela devia ter-se esquecido que o charme típico dela não resultava com Lucien.

— Não podes despedir o Mario — afirmou ela, com todos os traços de encanto sedutor substituídos por uma teimosia irritada. Lucien teve de se obrigar a não sorrir perante a alteração abrupta.

— Posso fazer o que bem entender. Este restaurante é meu.

Ele viu uma familiar expressão desafiadora a contorcer-lhe as feições, a mesma que ela apresentara aos catorze anos quando ele lhe dissera que o garanhão que o pai dele tinha na cavaliária era demasiado forte e perigoso para que ela conseguisse controlá-lo. Apesar de tudo, era uma expressão de que ele gostava muito.

— Mas...

— Nem mas nem meio mas — disse Lucien, forçando o tom de voz para a sua cadência e volume calmos habituais. Ele *não* permitiria que a presença de Elise o fizesse perder o equilíbrio. Ela tinha o hábito de fazer precisamente isso: de vergastar a nata da sociedade europeia, normalmente serena, até originar um turbilhão escandalizado com as suas proezas chocantes... de deixar qualquer homem de cabeça a andar à roda com a beleza incomparável dela e com a tentação de a domar. Ele lembrava-se muitíssimo bem de como quase sucumbira ao seu canto de sereia durante o último encontro deles no Renygat. Lembrou-se de Elise a olhar para ele enquanto lhe desapertava as calças, os dedos dela a roçarem no mastro dele, que estava repleto de um desejo sexual ardente e puro, os lábios dela vermelhos e inchados devido à forma como ele os possuía anteriormente, os olhos dela a cintilar quais safiras mergulhadas em fogo; na língua dele continuava o sabor dela, viciante e doce.

*Queres esquecer o teu passado, Lucien? Vou fazer-te sentir tão bem que vais esquecer-te de tudo o que aconteceu com o teu pai. É uma promessa.*

O corpo dele contraiu-se perante aquela lembrança. Ele acreditara nela. Se havia alguém capaz de o fazer esquecer por um momento glorioso e nirvânico, era Elise. Naquela noite custara-lhe mandá-la embora, mas fizera-o. Ela era capaz de manipular com a mesma facilidade com que respirava. Sabia exatamente como deixar o seu adversário mais impressionante na palma da sua mão e fazê-lo suplicar como um cão faminto.

E, para piorar ainda mais a situação, Elise ficara a saber de mais depois daquela noite no Renygat.

Continuava a saber de mais. *Raios a partam!*

Havia uma única forma de ele convidar Elise a fazer parte da vida dele e ela jamais concordaria em seguir essas regras. Não Elise Martin.

*Concordaria?*, espicou-o uma voz baixinha na sua mente.

— Quero que saiam os dois daqui. E têm sorte por eu não chamar

a polícia — afirmou Lucien, começando a virar-se novamente. Deteve-se quando reparou, pelo canto do olho, que Mario se moveu aos safanões em direção a ele. Ao que parecia, o chefe de cozinha recuperara a sua arrogância típica naqueles últimos segundos.

— Não seja doido. Tem de abrir o Fusion amanhã. Precisa de mim. O que é que vai fazer sem um chefe de cozinha?

— Eu cá me arranjo. Já estou nesta área de negócios há tempo suficiente para saber como lidar com funcionários que roubam.

— Está a chamar-me ladrão? *Funcionário?* — Era bastante óbvio que Mario não conseguia decidir qual das designações era mais insultuosa: de criminoso ou de trabalhador assalariado. A cor do seu semblante esvaiu-se sob a pele morena.

Lucien parou, refletindo, interiorizando os olhos mortiços de Mario. Aparentemente, Mario bebera a sua quota-parte antes de levar Elise para ali e lhe oferecer o conhaque de Lucien. Será que ele também pretendia fazer amor com ela no sofá de cabedal do escritório privado dele? Aquela ideia fez com que a sua raiva ficasse num estado um pouco fervente. Ele achava que Mario até poderia ser suficientemente atraente para algumas mulheres, contudo já estava na casa dos quarenta e era demasiado velho para estar a seduzir Elise. Na opinião de Lucien, e independentemente do facto de Elise provavelmente já ter tido quatro vezes mais amantes do que ele, Mario não deixava de ser um ladrão tarado no cio que se metia com mulheres mais novas.

— Ainda não lhe tinha chamado ladrão, mas é exatamente isso que é. Entre outras coisas.

— *Não podes* despedi-lo! — disse Elise bruscamente. Lucien olhou de lado para ela, surpreendido pelo pânico transmitido pela voz dela, mas sem querer desviar o olhar de Mario, visto que este cerrara os punhos. Porque é que ela estava tão desesperada por causa de Mario? Ele ficara mesmo com a impressão de ela estar a reagir de um modo impassível à tentativa de sedução por parte do chefe de cozinha.

— Não te metas nisto. Não tens nada a ver com isto — murmurou Lucien por entre dentes.

— *Tenho* a ver com isto, tenho. O que é que hei de fazer, se despedires o Mario!? — exclamou Elise, pousando o copo de balão no bar.

— De que é que estás a falar? — perguntou Lucien, mas Mario não estava interessado na conversa tensa e privada que eles estavam a ter.

— O Lucien sempre foi um filho da mãe francês presunçoso, a achar que podia mandar em mim a torto e a direito — berrou Mario. Agarrou no braço de Elise de um modo rude. — Pronto, não pode despedir-me porque eu despeço-me! Anda, Elise. Vamos sair deste antro do demónio.

Elise manteve-se de pés bem assentes no chão e deu um sacão quando Mario a puxou.

— Ninguém me dá ordens! — exclamou. Lucien cerrou o punho em torno do antebraço do outro homem e apertou com força. Muita força. Mario gritou de dor.

— Largue-a — avisou Lucien. Ele viu o acesso de agressividade na expressão de Mario e resistiu para não revirar os olhos de irritação. Não estava mesmo com disposição para estas coisas esta noite. — Tem a *certeza* que quer dar início a alguma coisa? — perguntou ele calmamente. — Acha que é uma escolha sensata?

— *Não*, Mario — avisou Elise.

Mario hesitou por um breve instante, mas depois o álcool que ele consumira deve ter-se precipitado furiosamente pelas suas veias, já para não falar no aumento súbito de testosterona influenciado por Elise, elevando a sua presunção fanfarrona. Ele largou Elise e atacou, de punho erguido. Lucien bloqueou o soco de Mario e enterrou o seu próprio punho por baixo das costelas dele.

Um, dois e pronto. Quase demasiado fácil, pensou Lucien sinistramente, enquanto o ar abandonava os pulmões de Mario, seguido por um rugido gutural de dor.

Lucien atirou um olhar furioso de “a culpa disto é toda tua” a Elise e depois pousou as mãos nos ombros do agora curvado Mario. Pegou no casaco dele, que estava no banco do bar, e apressou o homem ofegante e a gemer em direção à porta da frente do restaurante, segurando-o pelo colarinho.

Quando regressou alguns minutos mais tarde, Elise continuava de pé junto ao bar, de cabeça erguida, com um porte tão orgulhoso e ereto quanto os seus antepassados aristocratas e um olhar circunspeto fixo nele. Ele caminhou em direção a ela, sem ter a certeza se queria enfiá-la na parte de trás de um táxi como fizera com Mario, se queria abaná-la por causa do disparate dela, ou deitá-la sobre os seus joelhos e castigar o cu dela pela infração que cometera ao espreitar o seu mundo privado.

— **O** que é que lhe fizeste? — perguntou ela, de um modo trémulo assim que Lucien caminhou a passos largos na sua direção, com aquele olhar furioso de olhos cinzentos, fazendo-a tremer por dentro, apesar de ela não o demonstrar. Ela sabia que Lucien Sauvage era uma potencial ameaça. Ele era capaz de lidar com um bêbedo como Mario de olhos fechados. Elise conhecia as capacidades atléticas dele, já para não falar dos anos de experiência que ele tinha a manter a paz e a ordem nos restaurantes e hotéis luxuosos e populares dele por todo o mundo.

Tinham sido muitas as vezes que elementos do mundo do crime organizado tinham tentado estabelecer bases de operações nos estabelecimentos dele e falhado, graças a uma combinação que Lucien possuía entre uma inteligência perspicaz e um poder bruto.

— Meti-o num táxi. Agora, o que é que faço contigo? — perguntou, deixando cair o olhar sobre ela.

Os mamilos dela contraíram-se sob um olhar simultaneamente ardente e gélido. A espinha dela retesou-se, a garganta ficou bloqueada. A verdade continuava a fazer ricochete no cérebro dela: *Lucien Sauvage era proprietário do Fusion*. Sem saber, colocara o futuro dela nas mãos de um homem que a rejeitara.

E ninguém a rejeitava.

Bem, *praticamente* ninguém, pelo menos quando ela não o queria. E não havia dúvida de que ela “não o quisera” com Lucien. *Que sorte a minha!* Com tantos restaurantes e tantas tabernas em cidades de todo o mundo, tinha logo de entrar no dele, pensou ela com um estado de espírito em pânico.

— Fazes a única coisa que podes fazer comigo — respondeu ela, com um tom de voz suficientemente calmo para alguém que estava a fazer o jogo de póquer mais importante da sua vida com uma mão de merda. O facto de falarem em inglês um com o outro era uma marca do passado que ambos partilhavam, da sua amizade de outrora. As mães de ambos eram inglesas e os pais franceses. Era uma afinidade que tinham, algo íntimo que costumava parecer bastante significativa para uma rapariga de catorze anos que ansiava por uma sensação de proximidade com um belo jovem, que lhe parecia sempre tão fora do seu alcance. — Agora que fizeste uma asneirada tão grande com o Mario, vais ter de me deixar substituí-lo como chefe de cozinha do Fusion.

Ele pestanejou e a sua expressão ficou estática.

— O que é que estás para aí a divagar? Estás bêbeda?

A raiva embolou-se no peito dela.

— Bebi um só copo de vinho durante toda a noite — retorquiu ela, com honestidade. Ela reparou no olhar sarcástico que ele dirigiu ao copo de balão dela, que estava pousado no balcão do bar. — O Mario deu-mo; eu peguei nele. Lucien, o que é que estás a fazer aqui? — voltou a perguntar, a curiosidade a triunfar sobre a sua preocupação quanto ao futuro. — Tu desapareceste de Paris há mais de um ano. Nenhum dos teus funcionários dizia onde estavas. A minha mãe falou há pouco tempo com a tua. Nem mesmo a Sophia sabe onde estás. Ela anda consumida de tanta preocupação.

— Certo — disse ele sardonicamente. — A minha mãe está a morrer

de desgosto só de pensar que eu nem sequer toco naquele dinheiro todo que ela quer para ela desde que o meu pai foi preso.

Elise pestanejou. Ele tinha alguma razão. Ela ouvira dizer que ele estava a ser estranhamente teimoso e elusivo em aceitar a sua fortuna de herança.

— Se disseres a alguém que me viste aqui, vais pagar caro, Elise.

Calmo. Sucinto. Completamente credível.

O coração dela acelerou para a quinta velocidade. Ele parara a alguns passos dela. Ela teve de esticar o pescoço ligeiramente para trás para conseguir ver o rosto dele e esperou que ele não reparasse em como o ritmo cardíaco dela pulsava agora na sua garganta. Ele pareceu-lhe ainda maior do que o que ela se lembrava: alto, esguio, robusto e extremamente formidável. Cortara o cabelo desde a última vez que o vira, usando-o agora num estilo solto e curto muito sensual, que realçava as feições masculinas e cinzeladas com uma graciosidade masculina natural. Ela sempre desejara passar os dedos por entre aqueles cabelos com aspeto macio e espesso... encher as palmas das mãos com ele impudicamente. Também deixara crescer uma pera muito bem aparada desde essa altura. Trazia umas calças de ganga e uma camisa de algodão de cor de marfim. A cor da camisa, em conjunto com os seus olhos cinzentos-prateados, criavam um contraste impressionante com a sua pele macia de tonalidades de caramelo. Mario não fora o primeiro a referir-se a Lucien usando a palavra demónio. Os homens diziam-no com uma inveja amarga. As mulheres com uma luxúria cobiçosa.

Ela sempre fora arrebatada pelo tamanho dele e por uma aura incontestável de poder físico, mas Lucien também a intimidava. A voz baixa e calma dele, a atitude reservada e confiante, os sorrisos encantadores contradiziam um poder serpeante que existia no interior dele. Havia uma escuridão nele que não condizia com o sorriso branco e reluzente e com a maneira descontraída com que ele encantava as classes altas da sociedade e os clientes ricos do hotel e do restaurante dele.

Ela não tinha dúvida alguma que Lucien podia ser perigoso quando bem entendia. E também sabia que ele jamais lhe faria mal de verdade, não o jovem que outrora fora bondoso para com ela e que a tomara sob a sua proteção.

Contudo, isso não fazia com que a ameaça dele se tornasse menos intimidativa.

— Então — disse ele calmamente, aproximando-se ainda mais e pousando uma mão no corrimão do bar. De repente, ela sentiu-se encurralada.

— Quando é que te vais embora de Chicago?

— Não me vou embora. Tenciono viver aqui.

— O quê?

— Isso mesmo. Chicago é o meu novo lar — disse ela altamente segura de si, mesmo apesar de não se sentir assim. Elise não passava de uma atriz e o autodomínio intrépido era o papel que ela melhor representava.

Infelizmente, o pai dela fora contra os planos dela de se tornar chefe de cozinha e de se mudar para Chicago, recusando-se a financiar a sua nova carreira. Ela só poderia aceder ao seu fundo fiduciário aos vinte e cinco anos. Seis meses nunca tinham parecido tão distantes a Elise. O pé-de-meia que ela juntara quase um ano depois de ter servido à mesa em Paris nunca lhe parecera tão lamentavelmente pequeno.

— Porque é que havias de vir para Chicago? Não tem praticamente nada a ver contigo — disse ele, enfurecendo-a com o seu olhar descendente sobre o vestido de noite dela.

— Não sabes mesmo, pois não?

— Não sei o quê?

— A minha escola de culinária em Paris juntou-me ao Mario Vincente para o meu estágio. Vou estagiar com ele, Lucien — disse ela, referindo-se ao processo em que um novo chefe de cozinha treina as suas capacidades durante algum tempo sob a supervisão de um chefe de cozinha já estabelecido. Ela analisou a expressão estoica dele com ansiedade. — Tenho um contrato — acrescentou ela à defesa quando ele pareceu indiferente à confissão que ela acabara de fazer. — Não podes mandar-me embora.

— Tu és doida — disse ele com desdém, enquanto pegava nos copos de balão que estavam no balcão e se afastava. No peito dela, a sensação de pânico aumentou. Ela desprezava a imagem das costas de Lucien.

— Já acabei a minha formação no La Cuisine em Paris. A única coisa que me falta é estagiar com um grande chefe, o grande chefe que acabaste de despedir!

Ele virou-se e ela viu que ele estava a sorrir. Ela sentiu o coração como que a inchar e a pressionar-se contra o peito. *Merde!* Os sorrisos de Lucien: os dentes brancos, as covinhas gémeas, os lábios firmes e simétricos. Se o diabo realmente existisse, existiria sob a forma de Lucien, de modo a poder espalhar o máximo possível de pecado pelo mundo. Ela nunca vira um homem mais atraente do que ele em toda a sua vida e, infelizmente, já vira mais do que a sua quota-parte de homens.

— Estás a falar a sério, não estás?

— Estou — respondeu, sentindo a espinha a retesar-se. Sentiu-se ofendida com o tom condescendente dele.

Ele soltou um riso por entre dentes. Ela sentiu um buraco no estômago ao vê-lo a rir-se das ambições dela. *Ela* sentiu-se vazia.

— Então, esta semana vais ser chefe de cozinha?

— Vou ser chefe de cozinha para o resto da minha vida.

Ele abanou a cabeça, o seu sorriso desvanecendo.

— Este é o ponto mais recente da tua lista disparatada de façanhas a cumprir. Já tentaste ser piloto de carros de corrida, escanção e fotógrafa.

— Eu cresci. Dei uma volta à minha vida. Quero que a minha vida tenha... alguma *essência*. Estou a tentar construir uma carreira profissional por mim própria.

— Porque é que uma herdeira precisa de uma carreira? — perguntou ele. Tinha uma voz decadentemente sensual. Havia boatos de que as mulheres frequentemente eram seduzidas só por ela, o resto da embalagem não interessava. Se bem que ninguém jamais esqueceria o mais insignificante pormenor de Lucien. Elise sabia que nunca se esquecerera. Observou-o a mover-se por trás do balcão.

— Porque é que um herdeiro precisa? — contra-atacou ela. — Tu sempre trabalhaste, primeiro nos hotéis do teu pai e depois nos teus próprios hotéis e restaurantes. De entre todas as pessoas, tu deverias ser o último a questionar-me.

Ele ergueu o olhar. Do seu rosto tinham desaparecido todos os traços de divertimento. Ela deixou de conseguir respirar enquanto ele a olhava fixamente nos olhos. A dor cresceu dentro dela: vergonha do passado dela, do comportamento doido e da atitude cínica em relação à vida, medo lancinante de os planos dela para o futuro serem irreais, de ela não ter verdadeiramente o que era preciso para ser uma adulta funcional, capaz de dar e de receber e de tornar o mundo num sítio um pouco melhor. Não tivera quaisquer modelos para tal, e receava que isso lhe reduzisse em muito as suas hipóteses de sucesso.

Era o olhar de Lucien que a fazia sentir as suas próprias lacunas de um modo tão absoluto. Ele via imenso com aqueles olhos tipo raios-X. Sempre vira.

Ele percebera imediatamente a loucura dela quando se viram pela primeira vez na propriedade dos pais dele, em Nice. Nessa altura, Elise era uma rapariga teimosa e selvagem, desesperada pela atenção dos seus pais preocupados, dos funcionários, dos outros convidados... de *toda a gente*. Nesse verão, Lucien era um jovem atrevidamente esquivo de vinte e um anos, em comparação com os catorze anos dela. Embora ela ainda não se tivesse apercebido disso nessa altura, ele reparara desde o início na carência grosseira dela. Ela fora como um cachorrinho abandonado que inspirava piedade, que ficava maravilhado com cada migalha de atenção que ele lhe atirava. Aqueles meses dourados na costa do Mediterrâneo tinham sido o melhor verão da adolescência dela.

Da vida dela.

Apenas anos mais tarde é que ela percebera que os pais de ambos

tinham implorado a Lucien para que ele a protegesse. Muitíssimo provavelmente ter-lhe-iam pagado bastante bem para que passasse tempo com ela: a andar a cavalo, a nadar e a andar de barco durante aquele verão inesquecível. Ter consciência daquilo envergonhava-a e enfurecia-a até hoje.

— Tens de perceber que esta é uma situação inesperada, já para não dizer ridícula, Elise — disse ele, com um tom de voz mais suave do que anteriormente. Ela ficou tensa assim que suspeitou que tudo aquilo se devia a um sentimento de pena. — Não podes trabalhar no Fusion.

— Já te disse. Tenho um contrato.

— Tens um contrato com o Mario, não com o Fusion ou comigo. Eu sei que os mestres de cozinha acompanham estagiários. Eu permito que eles próprios tratem disso, respeitando sempre um talento que não possuo. Contudo, tu não és uma das funcionárias assalariadas do Fusion e, como acabaste de testemunhar — disse ele, limpando o copo de balão que acabara de lavar —, o Mario já não trabalha aqui.

Ela ficou ali de pé, com o pânico a dominá-la e a mente a ser inundada por pensamentos velozes. Teria ela falhado assim tão depressa nos planos que fizera? Seriam eles assim tão frágeis? Seria ela? Seria ela obrigada a voltar para o vazio estéril da sua existência em Paris, uma vez mais como uma pateta derrotada?

Não. Isso *não* ia acontecer.

— Porque é que mudaste o teu nome? — Aquela pergunta aleatória escapou-se-lhe simplesmente boca fora de tão nervosa que estava.

Por instantes, ele não falou, apenas acabou de limpar o copo de balão e pendurou-o juntamente com a restante louça de vidro, deixando-a a sós com os pensamentos dela. Ele contornou calmamente o bar. Aproximou-se dela e parou muito perto. Mais perto do que ela esperara. O aroma a especiarias da água-de-colónia dele infiltrou-se no nariz dela.

— Por acaso, já tinha mudado o meu nome da última vez que nos encontrámos em Paris. Pelos vistos, tinhas andado a divertir-te à grande. Provavelmente deves estar um bocadinho confusa em relação a *algumas* coisas que aconteceram naquela noite.

Ela acalmou-se, ficando um pouco desconfiada subitamente. Algo relacionado com a referência que ele fez ao encontro de ambos no Renygat e a insinuação subtil de ela poder estar enganada no que dizia respeito àquilo de que se lembrava fizeram com que um sinal de aviso fosse ativado no cérebro dela.

Nessa noite de sábado, há dois anos, ela deixara os seus amigos e procurara ter um encontro privado com Lucien. Estivera nervosa mas ansiosa por voltar a encontrar-se com a sua paixão de infância agora que já era mulher. É verdade que já há algum tempo que sabia que ele estava em Paris,



mas o desejo arrivista dos seus pais relativamente a Lucien fez com que ela se retraísse quanto a aproximar-se dele. Sentira-se envergonhada, não querendo que ele pensasse que ela estava somente a representar os desejos dos pais dela como algum tipo de robô do jet set, decidida a casar-se com um dos homens mais apetecíveis do país.

Ela batera muito ao de leve na única porta de entrada, levando algum tempo a aperceber-se, depois de não obter qualquer resposta, de que a porta dava apenas para um outro hall mais pequeno: uma espécie de entrada. Essa dava mesmo para a porta do escritório de Lucien. A porta exterior estivera fechada, mas, à medida que fora entrando, vira que a porta interior só estava encostada. Ao ficar parada à entrada, ouvira, sem querer, aquela conversa entre Lucien e um estranho com sotaque alemão.

— *Vou precisar de um informador interno da mais alta qualidade que me dê informações acerca do Noble: das origens, da família, das finanças dele.*

— *Isso não vai ser fácil. O Ian Noble é conhecido por ser um fanático que controla toda a sua segurança.*

Ouvira-se uma resmungadela de reconhecimento, seguida por um instante de silêncio.

— *Que cara é essa?* — perguntara o alemão, soando ligeiramente divertido. — *Não está a sentir-se culpado, pois não? Em relação ao que planeia fazer ao Noble?*

— *Um subterfúgio nunca é algo bonito, não importa como o apresente. Suponho que sejam os pecados do pai que me assombram* — dissera Lucien com um tom de voz baixo e sarcástico. — *Aconteça o que acontecer, nós acabamos sempre por ser assombrados por essas coisas.*

O homem soltara uma gargalhada desagradável.

— *Esqueça isso tudo e concentre-se no seu prémio. Confie em mim. Aquilo que está a planear fazer ao Noble não tem comparação com os crimes cometidos pelo seu pai.*

— Não estou confusa em relação àquela noite, Lucien. Lembro-me de tudo — disse Elise, hesitando em trazer aquele assunto instável para a situação delicada em que agora se encontrava. A expressão dele permaneceu impassível, mas houve algo que reluziu nos olhos dele. Ela engoliu em seco. — Mas não me lembro de teres dito alguma coisa quanto a mudares de nome.

— Acho que sabes porque é que mudei de nome e me vim embora de França. — A voz calma dele tombou sobre ela qual onda sensual.

— Não devias permitir que os crimes do teu pai te contaminem. Tu és tu próprio, um homem diferente — sussurrou ela, referindo-se ao facto de o pai adotivo dele, Adrien Sauvage, um industrial rico, proprietário de uma cadeia de hotéis e diretor de um império de meios de comunicação, ter sido mandado para a prisão há dois anos e meio por espionagem empresarial.

Ela sabia que Lucien fora interrogado pela polícia quanto à possibilidade de estar conluiado com o pai no roubo de segredos empresariais de alto nível. Elise nunca acreditara que ele era culpado, nem por um segundo. Ela conhecia em primeira mão o desdém silencioso e reprimido de Lucien no que dizia respeito a Adrien Sauvage. Por fim, Lucien nunca fora acusado de nada, mas parecia que a nódoa persistia colada a ele.

— Eu não deixo que os crimes dele me afetem. Tenho a perfeita consciência de não ser ele.

A sua voz tornara-se calma e rouca à medida que o seu olhar ia percorrendo o rosto dela. Ela ficou quieta e sentiu um formigueiro na nuca devido à antecipação. Ele levantou a mão e tocou-lhe no cabelo. Ela estremeceu perante a sensação dos dedos dele a deslizarem sobre os cabelos e quando ele lhe prendeu uma madeixa por trás da orelha, todo o corpo dela se acelerou, vibrando de excitação. Estar consciente da presença de um homem daquela maneira tão intensa era algo estranho. Ela não se deixara aproximar de muitos homens de um modo romântico, muito menos de um homem tão atraente quanto Lucien, desde que se atirara à sua carreira culinária e começara a sustentar-se a si própria. Verdade seja dita, nunca permitira que os homens se aproximassem demasiado dela. Tivera uma paixão enorme por Lucien em miúda, claro, mesmo apesar de ele nem saber que ela existia. Mas isto era diferente. Agora ela já era uma mulher adulta, uma mulher muito mais iluminada quanto ao que queria da vida.

— Pensava que não gostaria de te ver de cabelo curto — sussurrou ele distraidamente, atingindo a têmpora dela com a sua respiração quente. — Mas fica-te muitíssimo bem. Audácia elegante.

— Lucien... — começou ela a dizer sofregamente, ao ver o ardor do olhar dele enquanto ele voltava a acariciá-la. Ele interrompeu-a, afastando-se.

— Se quiseres, ajudo-te a tratares das coisas para voltares para casa dos teus pais em Paris. Tens dinheiro? Precisas de algum?

— Não. Não preciso de nada — murmurou ela por entre dentes, chocada com a mudança súbita de assunto e com a ausência do toque dele.

— Não podes ficar em Chicago — disse ele tão resolutamente que ela pestanejou de surpresa.

— Quem és tu para me dizeres que não posso viver aqui? Compraste a cidade ou algo do género? — disparou ela, obrigando-se a ignorar o movimento vacilante entre as suas coxas: um efeito direto do toque dele... da proximidade dele. A ansiedade dela aumentou devido à expressão engraçada e firme dele. — Tu precisas de um chefe de cozinha! Deixa-me ser a tua chefe substituta, pelo menos enquanto procuras outra pessoa.

— Não. Isso está fora de questão. Desculpa.

A fúria elevou-se no interior dela, retesando-lhe a espinha e fazendo com que ela ficasse de cabeça erguida. Como é que ele podia soar tão decidido? Será que ele a achava assim tão repugnante?

— Não vou deixar que estragues tudo o que planeei — afirmou ela.

— E eu não vou deixar que me faças o mesmo.

— O quê? — perguntou ela, baralhada com a resposta veloz dele. — Como é que *eu* te poderia estragar alguma coisa?

Ele encostou-se ao bar, exibindo músculos esguios e refinados até obter um efeito perfeito.

— Naquela noite no Renygat? No meu escritório? — inferiu ele de maneira significativa.

Ela corou com calor. Depois de terem ficado sozinhos, ela confrontara-o acerca do que ouvira por acaso. Ele ficara furioso por ela ter estado a ouvir por trás da porta e a discussão furiosa entre eles tornara-se acalorada. O conflito transformou-se gradualmente num tipo de tensão sexual. Ela quebrara as barreiras rígidas dele naquela noite... momentaneamente. Ele beijara-a furiosamente e por completo, reconhecendo o facto de aquela rapariga que ele conhecera ser agora uma mulher sensual. Ela sabia que o pressionara demasiado com as suas provocações atiradiças. Só não se apercebera do quão assustador Lucien podia ser quando perdia o controlo...

Quão emocionante.

Ela reparou no olhar estreito de Lucien sobre ela.

— É claro que me lembro — disse ela. De repente sentiu dificuldade em olhá-lo nos olhos. — Não percebo o que é que isso tem a ver com o facto de eu te estragar seja o que for.

— Neste momento já tenho distrações suficientes na minha vida. Não preciso de te juntar à equação. — O ritmo cardíaco dela aumentou. Estaria ele a sugerir que se sentia atraído por ela? Ou estaria ele a referir-se àquela conversa que ela ouvira por acaso e que não conseguia entender de maneira nenhuma? Elise não conseguia decidir se haveria de se sentir elogiada ou ofendida pela declaração dele.

— Eu não vou distrair-te. Eu vim para Chicago por um único motivo: para fazer o estágio de que preciso para me tornar numa chefe de cozinha excelente. Sou muito boa naquilo que faço.

— Não tenho dúvidas quanto a isso. Mas estás a esquecer-te de uma coisa: já não há aqui nenhum *chef* com quem possas aprender, *ma fille*.

— Não quero saber. Eu encontro outro aqui na cidade. Vim para este sítio para começar uma vida nova, para começar tudo do zero, e não vou permitir que ninguém, nem mesmo tu, Lucien, me faça desviar do meu caminho. Já não sou nenhuma criança — acrescentou ela ferozmente,

referindo-se ao termo carinhoso francês que ele usara, tratando-a como uma criança.

As narinas dele dilataram-se ligeiramente enquanto se empurrava a si próprio para fora do bar com um movimento elegante e sinuoso. Ela começou a sentir o coração a palpitar nos ouvidos assim que ele pegou na écharpe de seda que ela pousara num banco anteriormente. Ele ia mandá-la embora. *Outra vez*. Permaneceu estática no mesmo sítio quando ele levantou a tira de tecido, com um ar de desafio no olhar.

— Tu és uma criança. Uma criança bonita e teimosa, mas, de qualquer forma, uma criança — disse ele. — Está na hora de te ires embora, Elise.

A fúria dilacerou-a qual relâmpago.

— Seu filho da mãe — sibilou ela. Arrancou-lhe a écharpe das mãos. — Já devia saber que jamais me ajudarias. És tão egoísta e narcisista quanto o teu pai... quanto qualquer um dos nossos queridos pais.

Ele agarrou-lhe no braço com uma força tremenda assim que ela passou tempestuosamente por ele, dirigindo-se às portas.

— Não sou como o meu pai — disse ele, ofendido. Elise mostrou desagrado perante os indícios da ira súbita e potente dele, mas voltou ao ataque, puxando o braço com força. A reação dela, porém, foi apenas fogo de vista. A restrição de Lucien desencadeou uma reação completamente diferente da de Mario.

— Larga-me — disse ela, com um tom trémulo e sem soar convencida de ser isso mesmo que queria, nem mesmo para si própria.

— Devias ficar contente por eu realmente te largar e devias preocupar-te com o dia em que não o fizer.

Ela ergueu o rosto. O orgulho, a raiva e a mágoa lutavam uns contra os outros pelo domínio da consciência dela.

— Não tenho medo de ti.

Ele puxou-a, arrastando-a para mais perto de si, fazendo com que o corpo dela roçasse contra a extensão e a plenitude que ele tinha por trás da braguilha. Fulminou-a com aquele olhar fixo, praticamente de outro mundo. Ela esperou, à beira de um precipício de expectativa, com os pulmões a arder de tanto sustar a respiração, quando ele baixou a cabeça até as suas bocas ficarem a apenas alguns milímetros de distância uma da outra.

— Sempre me testaste. Vou lembrar-me de ti, para sempre, como aquela rapariga que provocava, insensatamente, uma serpente adormecida. É melhor ires embora daqui. Tens andado a suplicar, desde miúda e sem o dizeres por palavras, para que te disciplinem e não fazes ideia de como eu ia adorar dar-te aquilo que tu tanto mereces... de que *precisas*.

Ele reparou na expressão chocada, de olhos arregalados, dela, e sorriu ameaçadoramente.

— Já não estás assim tão segura de ti, pois não? — perguntou, com uma voz que soou a uma ameaça baixinha e ronronante. — O que é que me dizes? Queres ficar comigo e ter aquilo que precisas, *ma chère*?

Houve algo na voz baixa e rouca dele que fez com que o corpo dela vibrasse de excitação e que uma precipitação de adrenalina corresse no sangue dela, mas, acima de tudo, ela estava confusa. Detestando ter de mostrar a sua vulnerabilidade a um homem como Lucien, recorreu à armadura quebradiça do orgulho.

— Já disse para me largares — repetiu ela.

Cambaleou alguns passos sobre os saltos altos assim que ele a largou; não por ele a ter empurrado — de maneira nenhuma, ele até fora bastante delicado —, mas porque tinha a cabeça a andar à roda. Algo lhe acontecera ao sentir o toque de Lucien. Ao ouvir as palavras dele. Fora como se uma porta trancada no interior dela tivesse sido escancarada e aquilo que ela viu nas profundezas do seu ser a tivesse excitado e desorientado de igual maneira.

*Disciplina. Carência.*

O coração dela começou a bater ainda mais depressa ao lembrar-se das palavras sussurradas pelo tom baixo e sedoso de Lucien. Caminhou em direção às portas. Por puro hábito, lançou um olhar rebelde sobre o ombro.

Ela fugiu depois daquilo que viu: um animal furioso, excitado e primitivo. Esperou que Lucien não tivesse reparado na rapidez com que ela se moveu ao fugir precipitadamente pela porta fora, sentindo-se como se o diabo estivesse realmente no seu encalço.



## Capítulo

## DOIS

**L**ucien ergueu o olhar quando Sharon Aiken, a sua gerente, bateu ao de leve na porta do seu escritório no final da manhã do dia seguinte. — Sharon. É a imagem do encanto, como sempre, mas espero que esta manhã a sua beleza se faça acompanhar por boas notícias. Dava-me jeito.

A mulher de meia-idade riu-se.

— Os homens franceses são ensinados a espalhar charme da mesma maneira como são ensinados a dizer por favor e obrigado?

— Não sabia que faz parte da nossa constituição genética? — Levantou uma sobrancelha de um modo expectante enquanto Sharon se ria. Ela reparou e silenciou a sua hilaridade.

— Não se preocupe que o chefe de cozinha provisório que contratou já chegou. Estamos salvos — disse ela.

— Abençoada — disse Lucien com emoção. Bebeu a última golada de café com leite que tinha numa mão e levantou-se, pronto para tratar de negócios. Apesar de ser relativamente novo em Chicago, conseguira estabelecer uma rede de contactos profissionais na indústria da restauração. Um amigo informara-o de que um *chef* fora recentemente dispensado do Chez Pierre. Já tendo experimentado a comida de Baptiste uma vez, Lucien agarrou na oportunidade com unhas e dentes, mesmo apesar do aviso que acompanhou a referência:

— O John Baptiste é um *chef* excepcional, mas é muito temperamental — dissera o amigo.

— Existe algum chefe de cozinha que não seja? — perguntara Lucien retorcidamente.

Ele levantara-se cedo e decidira realizar a tarefa de entrar em contacto com Baptiste, que demonstrara ser esquivo, tanto a nível físico como prático. Baptiste considerara a oferta de um contrato temporário, por parte de Lucien, um insulto, por achar que se enquadrava muito bem no Fusion. Mas, afinal de contas, o Fusion era conhecido pela sua mistura de comida francesa e marroquina e nem todos os chefes de cozinha se sentiam à vontade com as subtilidades dessa combinação. O chefe de cozinha nascido na Espanha fora vago, de um modo exasperante, quanto a aparecer naquela manhã. Daí o alívio tremendo de Lucien perante as notícias dadas por Sharon. Ele reparara que Baptiste era uma aposta meia ganha, meia perdida.

— Importa-se de o mandar vir ao meu escritório para podermos tratar do contrato dele? — pediu a Sharon.

— *Dele?*

Lucien ergueu o olhar, enquanto tirava o contrato da secretária, e sentiu a pele dormente perante uma sensação de necessidade de cautela ao ver a expressão estupefacta de Sharon.

— É uma *ela?* — perguntou ele devagar, adivinhando, de um modo relutante, o que ela queria dizer.

— Pois... é. Eu fiquei surpreendida por ela ser tão nova, mas já consegui que o Evan e o Javier ficassem ansiosos por poderem obedecer a todas as ordens dela — disse Sharon, referindo-se a dois dos assistentes de cozinha. — Não há dúvida que ela sabe como se impor. — Sharon examinou-o ansiosamente quando ele deixou cair os papéis que tinha na mão e caminhou em torno da secretária. — Lucien, estava à espera de outra pessoa que não a Menina Martin?

— Estava. Que burro que eu sou — sussurrou ele por entre dentes, com uma fúria mal disfarçada. *Aquela descendente do demónio tinha mais couilles do que um cowboy montado num touro embriagado.* Como é que ela se atrevia a desafiá-lo daquela maneira? Sharon recuou até ficar encostada à parede, parecendo ligeiramente alarmada, assim que Lucien passou velozmente à frente dela.

Com o sangue a ferver, ele espreitou pela janela da porta da cozinha, avaliando a situação e tentando recompor-se antes de entrar. Elise estava de pé por trás de uma mesa de metal com uma caçarola na mão, a sorrir enquanto falava de forma animada. Ele permaneceu imóvel e observou-a por alguns instantes, encantado mesmo apesar de se sentir ultrajado. Ela era como uma chama viva e bruxuleante.

Ela voltara, mesmo depois do aviso que ele lhe fizera. Ele teria de lidar com a maldita atração que sentia por ela. E que não seria derrotada. A sua



única esperança era ser capaz de a controlar. Fora um cobarde ao mandá-la embora anteriormente. Sim, ela não lhe dava um minuto de descanso, mas havia coisas que eram inevitáveis. Elise a isso levava ao voltar a entrar na vida dele provocadoramente.

— Picar carne até nem é assim tão mau — ouviu-a dizer através de uma rachinha na porta. — Eu costumava fazer um jogo sempre que o *Monsieur* Eratat, o meu professor mais malvado e horroroso que tive na La Cuisine, me mandava picar carne. Eu fazia de conta que era o barbeiro dele e imaginava que estava a picar aquele bigodito estúpido dele até ficar à distância de um pelo do seu nariz gordo. É claro que eu tinha de fazer cortes minúsculos de modo a prolongar a tortura do *Monsieur* Eratat. — O riso argênteo de Elise misturou-se com risinhos masculinos. — Até o *Monsieur* Eratat tinha de admitir, perante toda a turma, que ninguém picava carne melhor do que eu — acrescentou Elise, com um tom de voz alegre.

— Jamais imaginaria tal coisa de si, Menina Martin. Tudo em si é demasiado perfeito para alguma vez... hum... picar seja o que for — gaguejou Evan, um dos assistentes de cozinha, desastradamente. Lucien abriu a porta de rompante ao aperceber-se do tom venerador de Evan.

Mais um ratito na ratoeira dela.

Evan e Javier interromperam imediatamente todo o furor com que estavam em relação ao ato de cortar alimentos finamente. Fitaram-no de olhos arregalados, tendo Javier à sua frente montículos de cogumelos porcini e Evan dentes de alho. Só Elise prosseguiu o que estava a fazer, erguendo o olhar de relance para ele com uma calma enfurecedora enquanto continuava a verter lentamente um molho sobre dezenas de filetes de pato.

— Que diabos pensas tu que estás a fazer? — perguntou Lucien com um tom gélido, ignorando Javier e Evan.

— Pato assado com cogumelos porcini e feijão-verde. Faz parte da tua ementa para o almoço.

— Eu sei que está na nossa ementa — disse ele, furioso, por entre dentes. Elise pareceu suficientemente calma quando olhou para Javier e Evan, contudo, ele reparou na palidez da pele já muito clara dela.

— Vamos impingi-lo à multidão da hora de almoço, vocês os dois! É melhor despacharem-se — incitou ela de um modo simpático e competente. Aumentando ainda mais a fúria de Lucien, os seus dois funcionários voltaram para as suas tarefas de cortar alimentos com entusiasmo.

Ele ergueu o sobrolho com um ar de desafio.

— Posso falar consigo no meu escritório, Menina Martin? — Proferiu-o em jeito de pergunta, mas fora uma ordem. Viu-a a morder o lábio inferior cor-de-rosa, como se pretendesse impedir que este tremesse. Ele sentiu uma satisfação repentina perante a demonstração súbita de nervos por

parte dela. Naquele momento ela pareceu muito mais nova do que os seus vinte e quatro anos. A silhueta dela pareceu particularmente franzina com a jaleca branca e as calças largas pretas. O rosto dela parecia estar húmido e ter sido recentemente lavado. Por qualquer motivo, aquela imagem de beleza jovem e reluzente, combinada com a competência dela fizeram com que a ira dele atingisse um pico mais elevado e ele se sentisse ainda mais incapaz de tomar decisões.

Tinha de lidar com ela de uma vez por todas. Infelizmente, não se podia lidar com ela como se lidava com qualquer outra mulher bonita. Não, ela tivera razão quanto à sua capacidade para cortar. Elise dava golpes bem profundos.

— Esta não é muito boa altura...

— Vai já para o meu escritório, antes que eu te arraste até lá, Elise!

Todos os sons característicos de picar alimentos voltaram a parar, apesar de Evan e Javier manterem as cabeças baixas. A cor que restara nas faces de Elise desapareceu.

— Lucien.

O coração dele deu um pulo. Olhou à sua volta ao ouvir aquela voz decidida e inesperada. Ian Noble estava à entrada da cozinha, mantendo a porta aberta com uma mão.

— Ian, que posso fazer por ti? — perguntou ele suavemente. O facto de Ian costumar passar por lá para falar com ele não era nada fora do comum. Afinal de contas, Ian era o proprietário do edifício em que o Fusion estava alojado. Todavia, a sua presença ali, nesse dia, era um inconveniente. Pelo canto do olho, Lucien reparou em Elise a pousar a caçarola. Sentiu a atenção concentrada dela, o que fez com que a ansiedade dele disparasse.

— Quis passar por aqui para te dizer que não vou poder comparecer ao nosso encontro de esgrima amanhã à tarde.

Lucien acenou afirmativamente com a cabeça.

— Vais para fora?

— Não. Há uma coisa muito importante que tenho andado a pensar comprar à Francesca — respondeu Ian, referindo-se à sua namorada encantadora, a artista Francesca Arno. — É uma coisa que exige muito mais pesquisa e reflexão do que um presente comum. — Lucien rapidamente reparou no ar distraído do seu amigo.

— Não vais confiar na perícia da Lin no que diz respeito a compras? — provocou-o. Lin era a assistente executiva excepcionalmente talentosa de Ian.

— Sou um homem muito ocupado, mas não sou nenhum doido — retorquiu. Lucien riu-se. Daquilo que Ian lhe contara no passado, Lucien percebeu que ele se metera em sarilhos com Francesca, uma ou duas vezes,

por permitir que fosse a sua assistente a tratar um pouco de mais da compra de prendas e dos pormenores dos seus encontros românticos. Não havia dúvida de que Francesca preferia o toque pessoal de Ian e o facto de este lhe conceder livremente o seu bem mais precioso, o seu tempo, era um sinal da devoção que tinha por ela. Um homem como Ian Noble detinha muitíssimo pouco desse bem essencial.

O olhar atento de Ian passou para Elise. Lucien ficou tenso assim que aqueles olhos azuis perspicazes pararam sobre ela. Não era só por Elise ser encantadora, ela era uma chama resplandecente que irradiava sexualidade.

— Onde está o Mario? — perguntou Ian calmamente, em voz baixa, referindo-se ao chefe de cozinha caído em desgraça.

*Maldita Elise, mais as intromissões dela.*

— Despedi-o ontem à noite — respondeu Lucien.

As sobranceiras de Ian elevaram-se com uma curiosidade prudente.

— E esta é a tua nova chefe de cozinha?

— O meu nome é Elise Martin — disse ela, limpando as mãos numa toalha e contornando a mesa.

— Ian Nobel — disse Ian.

Lucien ficou ali, a fervilhar numa tina de desamparo, enquanto observava Ian e Elise num aperto de mãos. Não conseguiu pensar numa forma de negar que ela trabalhava para ele sem chamar a atenção para a associação que tinham tido no passado e possivelmente sem fazer com que ela revelasse algo que ele pretendia manter em segredo a todos os custos.

— *Ian Noble. Noble Tower?* — sussurrou ela baixinho. Ele viu quando ela percebeu que tudo se encaixava. Ela lançou um olhar curioso a Lucien que fez com que ele ficasse tenso. — Eu sabia que o Fusion estava inserido no edificio Noble Tower, mas não me tinha apercebido de que o *Noble* se referia a si. A sua sede principal é aqui?

— Exatamente. Estou ansioso por experimentar as suas criações. Eu e a Francesca somos clientes assíduos do Fusion — disse Ian.

Lucien ficou com um semblante carregado ao reparar no rosto de Elise virado para cima enquanto analisava Ian. Ian não conseguia evitar ser tão atraente para o sexo oposto. O seu cumprimento e o seu olhar tinham apresentado interesse de um modo educado, nada mais; a inspeção de Elise, porém, não tinha de ser tão indiscretamente curiosa, pois não? O olhar azul-safira dela mudou para Lucien e o sorriso dela cresceu. Lucien cerrou os dentes com uma fúria impotente, sem ter a certeza do que aquela serigaita faria a seguir e a perguntar-se quanto tempo é que ela demoraria a destruir, numa questão de segundos, o que lhe levava anos a construir.

— Ouvi falar tanto de si — disse Elise a Ian, apesar de estar a acicatar Lucien, claro.

— É francesa? — perguntou Ian.

— Sou. Percebi por alguns artigos que li sobre si que também é.

Ian acenou que sim com a cabeça.

— Nasci em França, fui criado em Inglaterra e estudei nos Estados Unidos. Onde é que o Lucien a descobriu?

Lucien lançou-lhe um olhar rápido de aviso, que ela ignorou.

— Receio que tenha sido num caldeirão de sarilhos — respondeu Elise, com um sorriso dissimulado, já para não dizer sensual como os diabos. O corpo de Lucien reagiu àquele sorriso contra a sua vontade. Uma mistura desconfortável de ira e luxúria entrou em ebulição nas veias dele, enviando um alarme estrondoso até ao seu cérebro. Ela separou os lábios para continuar a dar explicações, mas Lucien interrompeu a possível catástrofe que poderia irromper da boca de Elise.

— A Elise e eu acabámos de nos conhecer. Ela é amiga do Mario — disse Lucien. Naquele momento de crise pareceu-lhe imperativo que a sua mentira fosse simples e de fácil compreensão para Elise. Eles tinham de estar de acordo durante este encontro inesperado, indesejado.

— É muito simpático da sua parte em ajudar o Lucien numa emergência — disse Ian.

O olhar de Elise voou para Lucien, sondando a reação dele em relação ao que Ian acabara de dizer. Lucien permaneceu em silêncio, sem querer dizer mais nada que originasse mais perguntas da parte de Ian, já para não falar das revelações espontâneas de Elise. Franziu o sobrolho quando viu o rosto dela ficar radiante de triunfo. Ela conseguira exatamente aquilo que queria e sabia que ele o sabia.

*Vou castigar-te por isto.*

Ele perguntou-se se ela teria lido a mente dele, porque a expressão triunfante dela desvaneceu-se.

— Queria saber se podia dar-te uma palavrinha em privado — disse Ian a Lucien, dando a desculpa de que este necessitava para afastar Ian de Elise.

— Claro. No meu escritório? — sugeriu Lucien, esticando a mão na direção da porta.

— Foi um prazer conhecê-la, Menina Martin — disse Ian antes de se virar.

— O prazer foi todo meu.

Lucien esperou até Ian ter saído da cozinha para se dirigir baixinho a Elise num tom confidencial.

— Não me deste outra hipótese. Considera o teu desafio aceite, *ma fille*.

Antes de se virar para seguir Ian, Lucien teve a satisfação de ver os olhos dela arregalarem-se de pânico.

**L**ucien apontou para o bar do seu escritório.

— Queres beber alguma coisa?

Ian abanou a cabeça e deixou-se cair numa das cadeiras de couro fundas à frente da secretária de Lucien com um movimento rápido e elegante para um homem tão grande. Olhou de relance para o taco de polo que Lucien não chegara a substituir na noite passada.

— Estiveste a treinar no teu clube?

— Um bocadito. O campo ainda está encharcado por causa desta chuva toda que tem caído. Se calhar, o melhor é desabafares — acrescentou Lucien calmamente, enquanto se acomodava na cadeira por trás da sua grande secretária em mogno. Ele sabia perfeitamente que Ian não se interessava minimamente por cavalos ou por polo.

Ian lançou-lhe um olhar rápido.

— É assim tão óbvio?

Lucien sorriu. *Sim, é assim tão óbvio.* Conhecera Ian há vários anos no seu restaurante em Paris e tinham-se tornado amigos imediatamente. Lucien mudara-se para Chicago há pouco mais de um ano, devido ao pedido que Ian lhe fizera para abrir e gerir o restaurante na nova sede do arranha-céus de Ian. Assim que Lucien percebera que a sua posição estaria mais segura em Chicago, cedera à sua natureza de empreendedor e comprara o restaurante a Ian no passado Natal. A amizade entre ambos entrara então num novo nível de proximidade. Ian Noble nunca era um homem fácil de interpretar, mas Lucien suspeitava ter aprendido a distinguir as manias e os estados de humor dele tão bem quanto os de qualquer outra pessoa à face da terra, exceto algumas.

— Deixa-me pôr isto nestes termos: raios te partam por teres cancelado o nosso combate de esgrima de hoje. Distraído como estás, ia dar cabo de ti — disse Lucien.

Ian dirigiu-lhe um sorriso desconsolado.

— Estás indiscutivelmente certo.

— O que é que foi? Tem a ver com negócios?

— Não — respondeu Ian praticamente antes de ele ter acabado de perguntar.

Lucien recostou-se à cadeira.

— Ah, então é a Francesca — disse ele com um carácter definitivo. Claro! Só a namorada dele seria capaz de deixar Ian assim tão perturbado. O brilho apaixonado nos olhos de Ian veio confirmar a sua teoria. Lucien

esperou pacientemente, consciente de que Ian, eventualmente, iria direto ao assunto, se lhe dessem oportunidade para tal. Ian tornara-se o homem mais poderoso e rico do mundo devido ao seu poder único de concentração. Se ele tinha ido ali para falar com Lucien acerca de algo, acabaria por falar sobre isso. Eventualmente.

No entanto, ao ver que Ian continuava sentado num silêncio taciturno, Lucien começou a pensar no que o teria levado ali.

— Tenho andado a pensar em pedir a Francesca em casamento. Na verdade, não tenho pensado só em fazê-lo. Tenciono ir escolher um anel para ela amanhã — disse Ian abruptamente. Contudo, o seu tom decidido com pronúncia britânica, de certo modo, não correspondeu à sua tensão praticamente tangível.

Lucien pestanejou.

— Isso é maravilhoso.

— Estás surpreendido, não estás? — afirmou Ian, analisando-o sob um sobrolho pensativo.

— Não. Eu sei o quanto vocês se amam. É uma coisa bonita ver-te a ti e à Francesca juntos. — Ele não hesitou sob o olhar atento e perscrutador como um laser.

— Estás a dizer a verdade, mas, ainda assim... duvidas que eu fosse capaz de me meter num compromisso desse tipo. Bem lá no fundo, pensavas que tu e eu éramos parecidos nesse sentido.

Lucien sorriu de orelha a orelha.

— Não faço a mínima ideia do que estás a dizer.

Ian dirigiu-lhe um olhar divertido e levantou-se, começando a andar de um lado para o outro à frente da secretária, fazendo com que Lucien se lembrasse de um tigre enjaulado.

— Ambos gostamos de mulheres, mas nunca nenhum de nós foi do tipo de assentar com alguém. Então e aquela mulher... a Zoe Charon? No ano passado estavas com intenções sérias em relação a ela. Mas assim que a gerente dela lhe ofereceu uma promoção em Minneapolis, deixaste-a ir embora sem pensares duas vezes.

— Isso não é verdade. Eu pensei duas vezes.

Ian lançou-lhe um olhar incrédulo, mas Lucien não hesitou. Ele *hesitava* em deixar que Zoe Charon se fosse embora no inverno passado. Ele gostava muito dela. Mas, no fim de contas, havia sempre uma enorme falha entre ele e a intimidade. E agora mais do que nunca.

— O que é que o facto de estares a pensar em pedir a Francesca em casamento tem a ver com a minha experiência com as mulheres? — perguntou Lucien.

— Nada, claro! — respondeu Ian. Desapertou o casaco do fato, voltou

a deixar-se cair sobre uma das cadeiras e cruzou as suas pernas longas. — É só que... nunca na minha vida me considerei do tipo que se casasse. Tinha pensado o mesmo de ti. Se calhar estava enganado.

— Não, não estavas — retorquiu Lucien. — Mas, mais uma vez, não estou a ver como é que as minhas preferências, ou os meus defeitos como homem, se aplicam a ti.

— Porque eu tenho mais defeitos.

— Estás preocupado por não conseguires ser fiel à Francesca?

— Não — respondeu Ian veementemente. — Não é nada disso, de todo. Ela é tudo o que quero. Agora que toquei na Francesca, nenhuma outra mulher serviria para mim.

Lucien sentiu um arrepio de inveja.

— Então não estou a perceber a tua dúvida. Se consegues ser fiel à Francesca, qual é o problema?

Ian fez uma careta e virou a cara. Lucien pressentiu a hesitação dele... a amargura.

— Sinto que posso envenená-la de algum modo depois de uma vida inteira ligada a mim. Pensei que serias capaz de entender. Eu sei como tens vergonha daquilo que o teu pai fez, dos crimes dele. Eu também tenho uma espécie de... nódoa, que acho que não sou capaz de eliminar. É algo que me corre no sangue — acrescentou ele de um modo irritado, olhando de relance para Lucien. — Eu sei. Tenho noção do quão melodramático estou a soar. Mas a Francesca é tão...

— Pura. Autêntica. Encantadora — ajudou Lucien assim que Ian se calou.

— Ela é a própria luz. E eu não sou.

Por instantes, nenhum deles falou, enquanto Lucien absorvia as palavras de Ian. Dentro dele elevou-se uma afinidade pelo outro homem, um crescimento de uma ligação de que nenhum dos dois falava, mas que eles pareciam sentir mutuamente desde a primeira vez em que se tinham encontrado. Partilhavam almas sombrias, manchadas desde o momento em que respiraram pela primeira vez neste mundo.

— Só acho que se a Francesca e eu nos casarmos, por muito que sejamos felizes, teremos sempre uma nuvem negra a pairar no nosso horizonte. A minha decisão de me unir a ela pode mudar as coisas, pode abrir... — Ian fez uma pausa como se estivesse a pensar nas palavras certas — *un sac de nœuds*.

Lucien sorriu com tristeza ao ouvir a expressão francesa: um saco de nós. Pensou em Elise, na cozinha. Suspirou resignadamente. Bem, por vezes não havia nada a fazer. Os nós têm de ser desfeitos, um por um, não importa o quão intimidativa possa ser a tarefa. Ele não fugiria do seu próprio

*sac de nœuds* agora que este lhe fora atirado à cara de um modo tão provocador por sarilhos embrulhados num pacote tão atraente.

— Quem é que não tem medo do futuro quando está prestes a tomar uma decisão tão importante? — perguntou Lucien calmamente. — Tens de acreditar em ti e na tua capacidade de criares o teu próprio destino. Tudo o resto és tu a submeteres-te ao medo.

Um olhar estranho surgiu na expressão feroz de Ian: uma luz distante a despontar na sombra.

— Então achas que é só uma questão de cobardia?

— Acho. Tens de confiar em ti próprio. Tens de confiar na Francesca.

O olhar de Ian assemelhava-se a uma tempestade num céu azul.

— Na Francesca confio plenamente.

*Em mim, não confio assim tanto.*

Lucien permaneceu sentado enquanto o amigo agradecia e se ia embora, ficando as palavras que tinham ficado por dizer a ecoar de uma forma familiar na cabeça dele, proferidas pela sua própria voz, e não pela de Ian.

**A** correria do almoço já desaparecera na altura em que a mulher vestida de um modo elegante, e que se apresentara como Sharon Aiken, entrou na cozinha.

— O Lucien pediu que fosse falar com ele ao escritório, Menina Martin.

Elise interrompeu o processo de preparar vegetais para um prato de camarão grelhado e cuscuz.

— Isso não pode esperar? — perguntou ela cautelosamente. Esperara que sua alteza real a convocasse, mas isso não fez com que a convocação fosse mais fácil de ouvir agora.

— O Lucien disse que o Evan pode acabar o que está a fazer. Já só falta servir uma mesa. Ele disse para se apresentar no escritório dele imediatamente. Tem um jogo de polo no final da tarde e quer falar consigo antes que se envolva nos preparativos para o jantar.

— Claro — disse Elise, esforçando-se seriamente por manter a voz calma e profissional quando reparou na enorme curiosidade na expressão de Sharon. Era bastante óbvio que Lucien avisara a assistente da possibilidade de Elise tentar escapar a uma reunião com ele.

*Não me deste outra hipótese. Considera o teu desafio aceite, ma fille.*

Na sua cabeça voltou a ouvir a ameaça que Lucien lhe fizera em tom baixo e de mau agouro pela centésima vez. Pronto, essa altura chegara. O que é que ele lhe diria? O que é que ele *faria* quanto à decisão arrojada que ela tomara de aparecer ali, hoje, fingindo ser a nova chefe de cozinha dele? Parte dela ainda não conseguia acreditar que o fizera. Outra



parte, a parte que na noite passada olhara fixa e desesperadamente para a decoração obsoleta do hotel Cedar Home da cadeia de hotéis Extended Stay Hotel, dizia-lhe que ela *tinha de* fazer alguma coisa, por muito doída ou precipitada que fosse, para tentar impedir que o seu sonho de ter um futuro morresse. Desta vez ela não admitiria falhar. Lucien era uma presença assustadora, mas era um rosto familiar num país cheio de estranhos. Estava furioso com ela, mas ajudá-la-ia numa altura em que mais ninguém o faria.

*Será que ajudaria? Ele já te mandou embora uma vez.*

Sim, mas ele dissera algo a Sharon sobre os preparativos para o jantar, como se esperasse que Elise completasse o dia dela ali. Era um bom sinal, não era? O cérebro dela estava a funcionar a mil à hora desde que Lucien entrara na cozinha no início do dia. Ela sentira a irritação de Lucien, mesmo apesar de no exterior aparentar estar calmo. A voz do homem estranho que ela ouvira em Paris voltou a ecoar na cabeça dela.

*Não estás a sentir-te culpado, pois não? Em relação ao que planeias fazer ao Noble?*

Teria Lucien mudado toda a sua vida para Chicago por causa de Ian Noble? Se sim, porquê? O que é que Noble tinha que Lucien queria? Tendo em conta tudo o que ela sabia de Lucien, aquilo não fazia sentido nenhum para ela. Lucien era um homem extremamente rico por direito próprio, por isso ela não conseguia imaginar que a motivação dele fosse do foro financeiro. Apesar de a riqueza extrema nunca vencer a ganância. Quando muito, fazia o oposto, pensou ela, lembrando-se do pai de Lucien.

Uma coisa era certa: Lucien não negara nada quando Ian supusera que Lucien a contratara como chefe de cozinha provisória. Obviamente, Lucien não quisera que o multimilionário irresistível soubesse algo sobre a ligação anterior de ambos... ou sobre o que ela ouvira por acaso em Paris.

Mas o que é que os crimes do pai de Lucien tinham a ver com Ian Noble?

Lavou as mãos, com a ansiedade a subir a cada segundo que passava. Foi trespassada pela irritação ao ver que Sharon estava à espera dela quando se virou para limpar as mãos. Estaria ela a planear escoltá-la, qual carcereiro, até ao escritório de Lucien?

— Obrigada, eu sei o caminho — disse ela, apesar de ser mentira. Mario desaparecera na noite passada quando, ao que parecia, fora assaltar o stock privado de conhaque de grande qualidade de Lucien. Ergueu a cabeça e passou como uma brisa pela assistente, reparando pelo canto do olho que Sharon a seguia para fora da cozinha. Deteve-se na sala de jantar principal junto a um ajudante de empregado de mesa.

— Para que lado é o escritório do Lucien? — murmurou ela sem mover os lábios.

— Sempre em frente até ao final do corredor de trás, última porta à esquerda. — O ajudante respondeu tão alto que ela fez uma careta e revirou os olhos.

Percorreu o longo corredor vazio, ouvindo como os sons do restaurante começavam a ficar abafados até só conseguir ouvir o palpar do seu ritmo cardíaco acelerado no meio daquele silêncio pesado. Na altura em que bateu na porta maciça e esculpida do escritório de Lucien, sentiu-se como se estivesse a dirigir-se de livre e espontânea vontade para a sua própria execução.

Estremeceu assim que a porta se abriu de repente. Ele pareceu sombrio e intimidativo ali de pé, com um par de calças pretas, que lhe caíam elegantemente ao longo da sua figura alta e atlética, uma camisa cinzenta-escura, uma gravata preta e prateada... e uma expressão incompreensível. Ele acenou uma vez com a cabeça e ela entrou na sala, olhando ao seu redor, de um modo nervoso, para o escritório masculino e luxuoso. A porta pesada fechou-se por trás deles com um clique bem sonoro. Ela ouviu outro pequeno estalido metálico e virou-se, alarmada.

— Acabaste de trancar a porta? — perguntou ela, com o seu ritmo cardíaco já acelerado a duplicar o seu andamento.

As narinas dele dilataram-se ao de leve enquanto ele a observava fixamente.

— Se decidires ficar, acho que vais preferir que a porta esteja trancada.

— O que é que isso quer dizer?

— Anda. Senta-te — disse ele, acenando para as cadeiras à frente da sua secretária. Ela sentou-se devagar, observando-o cautelosamente, enquanto ele se encostava à beira da secretária exatamente à frente dela. Ele tinha umas coxas bonitas: longas e poderosas. Ela sentiu uma ânsia súbita de as ver despidas, de passar as mãos sobre os músculos lustrosos e duros, de absorver a força dele...

Pestanejou, chocada com aquele pensamento na presente situação tensa, e desviou o olhar. Sentindo-se vulnerável, pensou que a melhor defesa seria uma ofensiva forte.

— Lucien, vieste para Chicago por causa do Ian Noble?

— É claro que vim — respondeu ele. — Ele pediu-me para abrir o restaurante na sua própria fortaleza. Fi-lo como um favor a um amigo.

— Há quanto tempo é que vocês se conhecem?

— Não te chamei aqui para falarmos sobre o Ian.

— Mas porque é que não lhe negaste que eu era a chefe de cozinha provisória? — perguntou, desconfiada.

— Porque é que achas?

Ela olhou de relance para o rosto dele, de maneira caprichosa.

— Porque não querias que eu referisse nada sobre a nossa ligação anterior, a tua identidade anterior... sobre o teu pai? — Não fora exatamente o que ela pretendia dizer. Pretendia referir aquela conversa que ouvira por acaso. Naquela noite em Paris, há vários anos, ela escondera-se na área da entrada das traseiras do Renygat assim que se apercebera de que o alemão misterioso se ia embora, vislumbrando apenas as costas do homem enquanto ele saía do escritório de Lucien. Depois, abordara Lucien, que ficara então sozinho no escritório, e confrontara-o com aquilo que ouvira. Ele ficara furioso com ela ao aperceber-se de que ela estivera a ouvir a conversa deles por trás da porta.

Neste momento, ela não queria falar sobre isso especificamente por re-crear que ele voltasse a mandá-la embora.

A expressão dele apresentou-se meiga. Ele cruzou os braços por baixo do peito e mudou a posição das ancas, chamando a atenção para baixo, para a área da sua virilha. Ela sentiu as faces a aquecerem. Será que ele sugerira que ela se sentasse na cadeira, enquanto ele ficava ali a elevar-se sobre ela, com a sua masculinidade notória ao nível dos olhos dela, como um jogo subtil de poder? Não duvidava nada que Lucien o fizesse.

— Porque é que haveria de te interessar o que é que o Ian Noble acha? — insistiu.

— Sou proprietário de um negócio no edifício dele. Isso interessa.

— Mas não acho que os crimes do teu pai digam seja o que for sobre...

— Aquilo que tu achas não é para aqui chamado. Tive de tomar uma decisão rápida, visto que tu me obrigaste a isso e acho que, por agora, a melhor solução, a mais simples, é que ninguém aqui em Chicago saiba sobre a nossa ligação anterior.

Ela recostou-se na cadeira, a pensar.

— Não admira que quisesses que eu desaparecesse tão depressa ontem à noite — brincou ela. O que é que Lucien estaria a tramar? Isso fazia-a sentir-se desconfortável. Ela não gostava de pensar que Lucien estava a meter-se em algum tipo de sarilho. E, no entanto, essa era uma informação poderosa que lhe caíra nas mãos de um modo tão inesperado...

Ele estreitou o olhar, perscrutando-a.

— Nem penses, Elise!

— Nem penso em quê?

Os olhos cinzentos dele brilharam.

— Em chantagem. E não me olhes com esse ar inocente. Estavas a pensar que agora tens alguma coisa com que podes chantagear-me, algo que podes usar para me controlares. Estavas a pensar em prometeres que

ficarias de bico calado, se eu não interrompesse esta tua fantasia-da-semana de te tornares chefe de cozinha.

— Não estava a pensar em nada disso — mentiu ela fervorosamente.

Ele riu-se suavemente.

— Achas que sou parvo? Sei muito bem como tu funcionas. Tu aprendeste a manipular assim que nasceste.

— Só estou a tentar criar uma vida por mim própria, Lucien. Uma boa vida... uma vida honesta. Estou disposta a trabalhar muito. Tornaste-te mesmo assim tão insensível que eras capaz de virar as costas a uma amiga?

— Amiga? Tu nunca tiveste *amigos*. Tu tiveste sicofantas que se amontoavam em torno dos aristocráticos da sociedade, minha querida; tiveste machos em fila, desejosos para serem os próximos que escolherias para irem para a cama contigo, fosse um ou dois de cada vez...

— Como te atreves?

— Provavelmente tiveste os maiores traficantes de droga da máfia corsa às tuas ordens...

— Nunca consumi drogas ilegais, nem legais, já agora.

— O que quero dizer é que tu *nunca* tiveste amigos, Elise.

Ela projetou-se para fora da cadeira.

— Pronto, talvez esteja a precisar de um agora.

Por alguns instantes, encararam-se em silêncio, ela com a respiração ligeiramente agravada. Ela ouviu o bater do seu coração nos ouvidos. Ele prendeu-a com o seu olhar fixo.

— Não te chamei ao meu escritório por querer ser teu *amigo*.

Ela deu por si a olhar fixamente para a boca séria e atraente dele, perguntando-se se teria imaginado o que ele acabara de dizer... o tom dele. Pensou no que ele lhe propusera na noite anterior, quando a desafiara a ficar lá com ele. O olhar dela deslocou-se para a porta que ele trancara e novamente para o rosto dele. O bater do seu coração tornou-se incrivelmente ruidoso, até parecer que o seu rufar ribombante se transformara no mundo dela. Estaria ele a dizer aquilo que ela *pensava* que ele estava a dizer?

— Tu... tu queres ser mais do que meu amigo? — perguntou ela indecisamente.

O olhar dele pareceu faminto à medida que passeava sobre o rosto dela.

— Deves saber que te acho atraente. Não sei se te lembras, mas houve uma altura em que os nossos pais queriam que nós nos casássemos.

Ela não conseguia acreditar que ele estava a dizer aquilo. *É claro* que ela se lembrava.

— A minha mãe disse-me que tu rejeitaste a ideia por completo.

— Naturalmente que rejeitei. Eu tinha vinte e seis anos quando eles

falaram nisso pela primeira vez. Tu tinhas dezanove. Já não te via há cinco anos. Achas mesmo que eu faria outra coisa que não rebater a ideia antes de eles conseguirem tecer uma teia demasiado grande?

Elise pensou nas quatro pessoas que eram os seus pais e os de Lucien e na forma como ele se referiu a eles como aranhas calculistas.

— Não. É claro que não — disse ela, entendendo perfeitamente o ponto de vista dele. Se ela bem se lembrava, ela fizera igualmente pouco caso disso quando a mãe falara no assunto de um modo mesmo, mesmo casual. O coração dela batera com mais força perante a ideia de voltar a ver Lucien, ou de algo acontecer entre eles, mas, tal como em tudo, jamais permitiria que a sua mãe reparasse que algo lhe interessava. Conhecendo já, em primeira mão, as consequências de ter o coração na boca no que dizia respeito à sua mãe, habitualmente ela minimizava a importância de interesses românticos perante Madeline. Já acontecera uma vez, quando ainda era muito nova: confessara à sua mãe as esperanças infantis em relação a um belo adolescente chamado Aaron. O dia em que ela vira, acidentalmente, o corpo de Aaron enroscado nas curvas voluptuosas da sua mãe, qual jiboia adolescente, fizera com que Elise se calasse para sempre quanto a esses assuntos.

Para além disso, os jovens descendentes de famílias antigas e abastadas sempre apresentaram desdém pela aquisição de bens através de casamentos combinados por parte dos seus pais. A desobediência era a única forma de defesa que eles possuíam. Sempre que a sua mãe voltava a tocar no assunto de Lucien, ela dizia algo atrevido e difícil de tolerar.

— Porque é que estás a mencionar os desejos antigos dos nossos pais agora? — perguntou ela lentamente.

— Isto não quer dizer que estou a pedir-te em casamento — disse ele, com um pequeno sorriso sarcástico a moldar-lhe a boca. *Malditas covinhas.* Ela pestanejou.

— Não, é claro que não. Eu percebi isso — assegurou rapidamente, envergonhada.

— Só estou a tocar no assunto porque a ideia de nós termos uma relação até nem é assim tão inverosímil, apesar de aquilo que estou a propor ser algo que os nossos pais nunca condenariam. Não. Isto só tem a ver comigo e contigo e com as nossas necessidades.

*Comigo e contigo e com as nossas necessidades.*

Por instantes, o silêncio pareceu pressionar-se sobre ela até se sentir como se não conseguisse respirar. Há tanto tempo que desejava Lucien, mas sempre fora uma fantasia impossível e elusiva. Será que tudo isso estava prestes a mudar?

— Sabias o que estavas a fazer ao entrares aqui hoje, a fazer de conta que eras a minha chefe de cozinha? — perguntou ele calmamente.

Ela ficou boquiaberta perante a surpresa da pergunta dele.

— Estava a lutar por uma coisa que quero. Muito. Tinha a esperança de conseguir convencer-te.

— Não me parece que era isso que estavas a fazer. Pelo menos não inteiramente.

Ela riu-se devido à certeza absoluta dele.

— Então, por favor, esclarece-me.

— Acho que vieste aqui por causa do que eu te disse ontem à noite. Tu sempre foste como um fogo descontrolado, Elise. Tu sabias que eu estabelecerias um limite para o teu mundo, uma forma de controlo de que tu tanto precisas. Tu desafiaste-me ao entrares aqui hoje e ao fingires que eras a minha nova chefe de cozinha. Pronto, eu aceito o teu desafio. Se jogares segundo as minhas regras.

As suas palavras proferidas calmamente rugiram aos ouvidos dela.

— Não sei se entendi muito bem o que estás a dizer. — Ela estava a falar a sério, mas algo no tom severo dele e no brilho perigoso dos seus olhos claros fizeram com que a pele dela ficasse dormiente com uma atenção acrescida. Seria medo que se estava a misturar com a confusão que estava a sentir, ou seria excitação?

O olhar atento dele passeou pelo rosto dela pensativamente.

— A criança selvagem do circuito social europeu, na borgia com os membros da realeza, a esvoaçar de profissão em profissão... de um homem para o outro. Tu tens sido a verdadeira personificação da autoindulgência — refletiu ele.

— Essa parte da minha vida já chegou ao fim — afirmou ela com muito mais confiança do que aquilo que sentia. O seu maior medo era não ser suficientemente forte, era que os seus objetivos e ambições tão altos fossem uma fachada a cobrir um centro vazio. Ela jurara a si própria que mudaria assim que o seu amigo Michael fora encontrado morto. Mas o que é que ela sabia para controlar a sua vida, para fazer com que valesse a pena? MUITÍSSIMO pouco.

— É muito difícil virar uma nova página. Se queres ser bem-sucedida nesta aventura, vais precisar de um certo grau de autocontrolo.

— Sou perfeitamente capaz de tomar conta de mim — disse ela com um desdém próprio da realeza.

— Estou ansioso para ver isso.

— Bem, e vais ver — retorquiu ela fervorosamente, apercebendo-se tarde de mais do quão à defesa soara, em comparação com os modos calmos dele. Ela eriçou-se, os sentimentos de hesitação e incerteza aumentaram dentro dela quando ele se limitou a observá-la meramente.

— Então, e... o outro assunto?

— O outro? — perguntou ele, erguendo o sobrolho. No peito dela, o desamparo e a excitação entrelaçaram-se. Nunca se sentira tão confusa por causa de um homem, em toda a sua vida.

— Estavas a insinuar que querias que nós... — Calou-se ao apontar, de um modo pouco convincente, para ele, depois para ela e novamente para ele num gesto de união. União especificamente *de que tipo*? Isso é que ele não estava a dizer. O desespero dela aumentou quando ele não a ajudou. — Tu *desejas-me*, Lucien?

— É claro que te desejo. Tu és a criatura mais tentadora em que já pus os olhos.

Ficou boquiaberta com o choque ao ouvir aquilo. Ele costumava ser tão estoico, tão discreto. Nada a poderia ter apanhado mais de surpresa do que aquela confissão direta.

— Tu mandaste-me embora. Em Paris, naquela noite. — Ela ouviu o coração a ribombar no silêncio que se seguiu.

— Não te mandei embora por não te desejar, Elise. Mandei-te embora porque és perigosa.

— Para a tua pessoa? — Ela riu-se.

— Para a minha paz de espírito. Tu és como um espinho na carne de um homem — sussurrou ele. — Mas agora nada disso importa. Entraste aqui hoje, e como já te disse, acho que ao fazeres isso estavas a dizer-me algo significativo. Não estavas?

Ela teve dificuldade em olhá-lo no olhos fixos dele.

— Talvez — confessou ela sofregamente.

— Não estou a pedir-te para te ires embora. Se fores, será uma decisão só tua.

Algo na sinceridade dele ajudou-a a arranjar coragem.

— Tens de saber que também me sinto atraída por ti. Sempre senti — admitiu ela de um modo trémulo.

O corpo dele deu uma ligeira sacudidela. Ele deteve-se e permaneceu imóvel. Por uma fração de segundo ela pensou que ele ia endireitar-se e... fazer *alguma coisa*. Abraça-la?

— Quem vai estabelecer as regras sou eu, Elise — disse ele em vez disso.

— Porquê? — perguntou ela, novamente surpreendida.

— Porque ser o dominador durante o sexo faz parte da minha natureza.

Ela olhou simplesmente para ele. Um arrepio de excitação percorreu a barriga dela e entre as coxas.

— De certeza que estás a par desse tipo de inclinações — instigou ele.

Ela engoliu em seco. Sim, ela estava a par. Não por experiência direta. Normalmente, Elise gostava de ser quem mandava. Não no sentido de mulher dominadora. Era só porque ela fazia as coisas à maneira dela e isso

incluía a interação sexual. O que Lucien disse tanto lhe pareceu estranho como excitante ao mesmo tempo.

— Claro que estou — disse ela bem alto, tentando ocultar a sua confusão. Não queria que ele pensasse que ela era ingénuo, mas, quer dizer... ela *era-o*, em tanta coisa. A maioria das pessoas que a consideravam a *coquine* irresistível e selvagem ficaria chocada por saber o quão inexperiente ela era.

— É muito simples. Tu és muito bonita. Eu quero-te. Dar-me-ia muito prazer ver-te como submissa por uma vez na vida. Tu precisas de disciplina — disse ele com firmeza, enquanto os seus lábios se curvavam num sorriso horrivelmente sensual. — Para além disso, se estás determinada a ficar em Chicago, quero que fiques por perto.

— Para poderes controlar-me? Para me manteres na linha? — perguntou ela, sentindo-se insultada.

— Sinceramente, sim.

Os olhares de ambos encontraram-se e ele apresentou um ar sério.

— E se vamos andar, serei eu a ditar as regras. Estás de acordo? És capaz de abdicar do controlo a meu favor?

Ela mordeu o lábio, sem ter a certeza de nada.

— Isto vai ser um acordo exclusivo?

— Sim. Enquanto estivermos juntos, não me envolverei sexualmente com mais nenhuma mulher. E também espero lealdade sexual da tua parte. Na verdade, exijo lealdade sexual — disse ele com um tom mais severo e um olhar penetrante.

O coração dela pareceu inchar para além do espaço a que estava confinado e estava a fazer com que ela sentisse um aperto na garganta.

— E exatamente como é que tencionas manter-me na linha? — conseguiu perguntar sarcasticamente, ainda a sentir-se insultada pela insinuação dele de pretender ter aquela relação com ela de modo a poder controlá-la enquanto ela estivesse em Chicago.

— Neste momento? Vou espancar-te manualmente.

Ela reparou que ele estava a analisar a reação dela com bastante atenção e esforçou-se por manter uma expressão neutra. O coração dela, porém, desistiu de fingir e desatou numa correria no interior da sua caixa torácica.

— Como já disse, apesar de provavelmente não estares absolutamente ciente disso, acho que foi por isso que vieste cá. Quero que saibas que não vou tolerar as tuas manipulações. Futuramente, castigar-te-ei de todas as vezes que me desafiases. Castigar-te-ei de todas as vezes que te vir a ter comportamentos impulsivos ou arriscados. Disciplinar-te-ei de todas as vezes que me mentires.

Nada a podia ter preparado para o que ele disse. A palavra *castigo* ganhava várias camadas de novos significados ao ser dita pela voz baixa e



sensual de Lucien... complexidades sombrias, proibidas e excitantes. Parte dela estava chocada e, no entanto, outra parte não estava absolutamente nada surpreendida.

Ela riu-se incredulamente, mesmo apesar de o pânico ter começado a elevar-se no seu interior, à medida que ia observando os modos calmos e imperturbáveis dele.

— És completamente maluco — pronunciou ela suavemente, ocultando a sua desorientação.

Ele fitou-a através de um olhar escondido.

— As minhas condições são estas. Já disse que te desejo. Mas, se planeias viver em Chicago, não vou permitir que provoques estragos na minha vida. Primeiro, não preciso de dramas. Segundo, não conseguiria suportar ter de assistir a dramas. — Ela ficou sem fôlego ao ouvir a emoção a ecoar na voz envolvente dele. — Se a mimada da tua mãe, viciada em sexo, foi demasiado fraca para te ensinar a controlares-te e se o teu pai estava demasiado concentrado nele próprio para se incomodar com isso, então alguém tem de o fazer. Ao entrares aqui, hoje, com esse andar empertigado, como se fosses dona disto tudo, fizeste com que esse *alguém* passasse a ser eu.

»Agora, desaperta as calças e baixa-as, e depois debruça-te sobre a minha secretária — continuou ele. Os seus modos triviais apenas ampliaram a sensação surreal que estava a turvar a mente dela. *Ele não podia estar a falar a sério*. Ele queria espancá-la? O Lucien Sauvage? — Se preferires, podes sair — disse ele, sem ser rude, ao reparar que ela não se movia e continuava a fitá-lo com um ar de descrença. — Não faremos nada disto, se ambos não estivermos de pleno acordo.

— Isso é chantagem — sussurrou ela.

— Não. Tu não és minha funcionária, Elise. Nunca te ofereci trabalho. Nunca te ofereci nada para além desta relação, que será levada a cabo segundo as minhas regras e de mais ninguém. Foste tu que te meteste nisto. Isto não tem nada a ver com chantagem ou com assédio. Tem a ver com aquilo de que precisas, aquilo que penso que estavas a pedir ao marchares aqui para dentro sem teres sido convidada. Se estás a planear viver aqui em Chicago, se é suposto fazeres parte da minha vida, não permitirei que me manipules ou desafies. Serás disciplinada tal como precisas e se eu sentir que és submissa, disso também resultará prazer. Se não puderes concordar com isso, então a porta é ali.

Ela não se mexeu. Não conseguia.

Ele acenou que sim com a cabeça uma vez, vendo que ela tomara a sua decisão. De um modo desorientado, Elise apercebeu-se de que tomara mesmo uma decisão. Ele virou-se e dirigiu-se a um armário grande e antigo. Abriu uma das portas e ela vislumbrou uma aparelhagem de som

cara. De repente, os sons da rica e penetrante quinta sinfonia de Beethoven encheram o ar. Ela olhou atenta e estupidamente para Lucien enquanto ele voltava para junto dela.

— Faz o que te mandei — ordenou ele, sem ser rude.

Ela olhou uma vez de relance para a porta e novamente para ele. O rosto dele estava muito sério, mas ela viu algo nos olhos dele: não era necessariamente docilidade mas compaixão... tendo a noção de que o que estava a pedir-lhe não era algo fácil para ela, mas tendo-o pedido de qualquer forma.

— Odeio-te, Lucien Sauvage — disse ela ao começar a despertar as calças, mal se ouvindo o sibilo da sua voz sobre o crescendo da música.

Ele assentiu uma vez de uma forma simples.

— Mas vais fazer na mesma aquilo que te mando.

Ela puxou as calças rapidamente para baixo como resposta desafiadora.

— Debruça-te sobre a secretária — disse ele.

O facto de ela ter sustido a respiração fez com que ela sentisse como se os pulmões estivessem a arder e a garganta a empolar, enquanto fazia o que ele mandava. Nunca fora castigada. Nunca abdicara do controlo voluntariamente a favor de um homem. Esta era uma experiência totalmente nova. Não conseguia acreditar que estava a permitir que isto acontecesse. O que é que isto queria dizer? Raiva, desorientação e excitação entrelaçaram-se dentro dela e envolveram-lhe os pulmões com força. Sentiu a necessidade de respirar a estrangulá-la assim que Lucien se aproximou.

Algo quente e proibido precipitou-se pela sua passarinha. Sentiu a mão dele na anca. Os dedos longos dele deslizaram para debaixo do elástico da roupa interior dela. Uma gavinha de excitação vibrou no clítoris dela.

— Tens mesmo de fazer isso? — perguntou ela de um modo trémulo ao senti-lo a baixar-lhe as cuecas.

— Sempre — foi a resposta dele. Ele largou a roupa interior minúscula e esta amontoou-se sobre as calças em torno dos joelhos dela. Ela cerrou os olhos com força ao senti-lo a levantar a bata de chefe de cozinha, expondo-a por completo perante o olhar atento dele. Foi percorrida por um sentimento de humilhação. Lucien jamais acreditaria nela, se ela lhe contasse, por isso não disse absolutamente nada, mas não estava habituada a uma intimidade tão intensa.

Tremeu de excitação assim que Lucien esfregou a pele sensível da nádega direita dela. Ele envolveu-a com a mão e apertou com força. Um calor líquido precipitou-se pela passarinha dela. A forte reação dela deixou-a baralhada. Era como se o corpo dela tivesse uma mente só sua. De certeza que o cérebro dela não lhe dera autorização para sentir tamanha excitação devido ao toque possessivo dele no cu dela.

— Tu és encantadora. Castigar-te vai ser excitante para mim. Muito excitante — sussurrou ele. — Talvez tu também venhas a achá-lo excitante, mas também vai doer. Isso é a consequência do teu comportamento. Apesar de eu gostar disto, hoje será apenas um castigo. Como já disse, vamos deixar as coisas evoluir ao meu ritmo.

Ela virou o rosto. Ele viu a expressão perplexa dela.

— Não vamos fazer sexo depois de eu acabar — explicou ele paciente-mente. — Isso acontecerá numa outra altura.

Ela ouviu tudo isto com uma admiração ansiosa.

— Elise? — incitou-a a responder.— Estou a fazer-me entender?

— Sim — resmungou ela.

— Vou espancar-te com a minha mão vinte vezes. Vai arder, mas nunca tenhas medo que eu te faça algum mal permanente. A minha intenção não é fazer-te mal, nem agora nem nunca. Estás a entender?

Não, ela não entendia. Não conseguia compreender nada do que estava a acontecer. Porque é que ela estava a permitir que ele lhe fizesse aquilo?

*Disciplina. Necessidade.*

Recordou-se de quando ele dissera aquelas palavras na noite anterior e mordeu o lábio, com uma expectativa ainda mais aguçada do que alguma vez fora em toda a sua vida. Seria verdade? Teria sido aquele o motivo que hoje a levava lá na sua missão flagrantemente rebelde? Ele não dera pistas para o que aconteceria se ela ficasse com ele na noite passada?

E ela voltara, determinada a provocá-lo... até este ponto?

— Elise? — chamou ele.

— Sim, estou a entender — disse ela com uma voz engasgada.

Ele afastou a mão do cu dela.

*Trás!*

Ela choramingou perante a explosão de sensações. Ele voltou a bater-lhe: uma palmada cheia de energia de pele contra pele, e os olhos dela arregalaram-se de repente.

*Ai!* Doía, mas também era excitante sentir a mão de Lucien em contacto com a nádega dela, sentir aquele acesso de sensações. Também era algo muito íntimo e havia algo naquele secretismo do que ele estava ali a fazer no meio de um negócio, o facto de ela estar a *permitir* que ele lhe fizesse uma coisa tão pessoal, tão ilícita, era igualmente empolgante.

Sem ver, ela olhou para a mancha. A mão dele voltou a aterrar e ela reprimiu um sobressalto, não de dor, mas de uma emoção incendiária que não conseguia nomear nem controlar. Era como se as palmadas dele estivessem a causar algum tipo de fricção nela, obrigando algo que ela preferia que se mantivesse enterrado nas profundezas a vir à superfície com

as pancadas dele. Ele fez uma pausa com a mão pousada sobre ela, numa carícia praticamente tão inconstante quanto o castigo aplicado por ele.

— Estás bem?

— Estou — resmungou ela, esperando que ele reparasse na raiva da voz dela e não nos outros sentimentos desconcertantes a fermentar-lhe no peito.

Ele voltou a bater-lhe. Ela mordeu o lábio para se impedir de gemer. Ele sabia o que estava a fazer. As palmadas dele eram rápidas e enérgicas, com a intenção de fazer arder e não de marcar ou de magoar. Deu-lhe uma palmada na curva inferior da nádega direita duas vezes. Um grito escapou-se da boca dela. Ela mudou as ancas de posição instintivamente, tentando evitar outra pancada contra a sua carne dormente. Ele colocou as mãos em torno das ancas dela e manteve-a imóvel.

— Fica quieta, ou levas mais — ouviu-o dizer, com uma voz mais densa do que anteriormente. Estaria ele a ficar excitado? Por um qualquer motivo, o clítoris dela comprimiu-se de excitação. Ela cerrou os olhos firmemente ao sentir uma desorientação crescente. Ele esfregou a camada de carne das nádegas dela em jeito de pedido de desculpas por fazer com que os nervos dela ficassem a crepitar. Sob a mão grande dele, o rabo dela estava quente.

Bateu-lhe outra vez. Ela arquejou. Ao longe, apercebeu-se de que ele ligara a aparelhagem para abafar o som das palmadas. O escritório dele já estava bem afastado do restaurante, a porta era grossa e o mobiliário luxuoso e os quadros muito provavelmente abafavam os sons interiores.

Será que ele costumava castigar mulheres no escritório dele com frequência?

Aquele pensamento desconcertante despedaçou-se assim que ele aterrou outra palmada. Ficou horrorizada quando uma lágrima irrompeu dos seus olhos cerrados.

— O Mario tinha razão. Tu és o demónio, Lucien Sauvage — acusou ela, mudando o traseiro de posição. Ele atingiu o alvo em movimento ruidosamente e com uma força acrescida.

— Se não mantiveres o cu quieto, vais ficar a conhecer o demónio em que posso transformar-me.

Ela mordeu o lábio inferior, enquanto se obrigava a ficar quieta. Ele bateu-lhe novamente. Ela tinha o rabo a arder e a passarinha estava a ficar molhada. Os nervos do seu traseiro picavam, mas nada se comparava ao prazer que palpitava no seu clítoris. Ao mesmo tempo, ela sentia-se verdadeiramente humilhada pelo facto de estar a deixar que Lucien lhe espancasse o cu despido.

No entanto... desejava aquilo. Precisava daquilo.

— Acaba lá com isso, por favor. Não aguento muito mais — disse ela intermitentemente quando ele fez uma pausa para acalmar a carne dela a arder com pontas de dedos acariciadores.

— Vais levar com aquilo que eu te der. — Voltou a levantar a mão. A música atingiu um crescendo aos ouvidos dela.

*Trás. Trás.*

Era como se ele estivesse a arrancar algo de dentro dela através do seu castigo, aumentando a fricção, tentando originar a sensação de um incêndio no corpo dela. Era de mais. A emoção explodiu para fora dela. Ela estremeceu descontroladamente.

Subitamente, ele já estava a levantá-la pelos ombros e ela estava nos braços dele. Ela pressionou a face contra a gravata de seda dele e tremeu de emoção.

— Odeio-te. Odeio-te — sussurrou ela, sem sequer ter a certeza do que estava a dizer por entre o seu alvoroço mental.

— Não, não odeias nada — disse ele calmamente, movendo os dedos com delicadeza pelo cabelo dela, tranquilizando-a. — Nós somos parecidos, eu e tu. Ambos somos solitários. Ambos somos inadaptados. Eu também lutei para escapar da gaiola dourada, *ma chère*. Se pelo menos me ouvisses, verias que estou a tentar ajudar-te.

— Lucien — sussurrou ela, com tanto sentimento infundido somente naquela palavra, tanto desejo. Esfregou a face na gravata dele, limpando lágrimas indesejadas. O aroma límpido, apimentado e citrino permeou a tristeza profunda dela. Tal como o corpo duro dele.

Ele estava clara e incrivelmente excitado.

Ela acalmou-se ao aperceber-se de que a sua tristeza estava a desaparecer. A dor inexplicável no seu âmago encontrava-se agora ampliada.

*O que é que aconteceria agora?*

Os dedos longos dele deslizaram contra a pele dela e ele levantou-lhe o queixo. Ela ergueu o olhar para ele, com um ar desafiador, mesmo no meio da confusão absoluta dela.

— Vou dar-te aquilo de que precisas.

— Não estou a entender-te — sussurrou ela.

— Que coisa tão bonita e selvagem, que chama tão pura e intensa — sussurrou ele, com o olhar a navegar pelo rosto dela, como se lhe acariciasse o traço do maxilar. — Mas vais incendiar-te a ti própria até estares reduzida a cinzas, se continuares assim, descontrolada. Há anos que andas em busca de um limite exterior para o teu mundo, algo que te controle. Agora esbarraste contra ele. E, desta vez, não vou virar as costas — disse ele simplesmente, roçando com as pontas dos dedos na face dela.

Ela fitou o olhar nele em silêncio. Ele inclinou-se e beijou-lhe os lábios: a boca dele tão terna e apreciadora que ela se sentiu como se estivesse a sonhar.

— Agora debruça-te sobre a secretária para que possamos acabar.

Ela arqueou-se contra ele. Preferia passar a parte das palmadas à frente, de tão quente que a estava a deixar, e possuir aquilo que tanto desejara durante metade da sua vida. Quem diria que ela reagiria tão fortemente a um pouco de perversão? Ela não era a única a reagir. O que ela sentiu em Lucien, o tamanho e a firmeza dele, fez com que ficasse febril. Adoraria afagar e sugar a pila impressionante que sentiu a pressionar-se contra as calças dele.

— Faz o que te mando — disse ele, evitando estar perto do movimento circular das ancas dela, com os olhos cinzentos a brilhar e um tom de voz severo. — Não tentes obter o controlo disto, Elise. Não me testes? Vais perder.

Ela arfou ao ter consciência de que ele entendera perfeitamente o que ela estivera a fazer com a sua sedução. Deixou-o virá-la nos braços dele, apesar da imensa desilusão que sentia. Ele pressionou-a delicadamente na parte inferior das costas, incitando-a a curvar-se para a frente. A mão dele deslocou-se para cima ao longo da espinha dela, massajando, moldando, estimulando os músculos.

— Tens os músculos tão tensos... tão carregados de dor — disse ele baixinho. Não pareceu estar à espera de uma resposta, o que para ela estava bem. Sentia-se demasiado dominada pelo toque dele para conseguir falar. A mão dele roçou no rabo dormente e quente dela. O clítoris dela comprimiu-se com a excitação; a brusquidão da reação dela chocou-a. Ela estava a morrer de expectativa.

— Mas porquê? *Porque é que* estás a fazer isto? — irrompeu da boca dela e a sua voz elevou-se bem alto com o pânico.

— Porque me importo contigo — respondeu ele. Ela ficou de olhos arregalados assim que a mão dele se pressionou contra as nádegas dela. Depois desapareceu e ela percebeu que ele estava a chegá-la atrás, preparando-se para atacar. O sexo dela comprimiu-se com força numa excitação ansiosa. — Não estaria a fazer isto se não me importasse, Elise. E tu não permitirias que eu o fizesse, se não soubesses isso.

# II

Quando Me Desafias





## Capítulo

### TRÊS

**A** mão dele acariciou a curva inferior das nádegas dela, provocando-lhe uma explosão de sensações.

— *Ai!*

— *Je suis desolé* — ouviu Lucien pedir desculpa roucamente. Ele tocou-lhe no traseiro; a sua palma da mão estava quente devido às palmadas que lhe dera. Ela ficou com dificuldade em respirar. — Vou precisar de mais uma ou duas vezes para aprender o que consegues suportar... aquilo de que precisas.

Os olhos cerrados dela abriram-se de rompante.

— O que preciso é que pares de me torturar desta maneira. — A mão dele desapareceu. *Trás.*

— Errado. Tu precisas de consequências para as tuas ações.

Os nervos à superfície das nádegas dela punham e ardiavam. Havia uma ligação inexplicável entre esses nervos e o clítoris escaldante dela. Mordeu o lábio, sentindo um desejo praticamente devastador de se tocar a si própria... de estancar a dor crescente entre as suas coxas.

— Prepara-te — avisou Lucien, de voz baixa e um ronronar sexual que se espalhou sobre o cu exposto e em chamas dela e que lhe fez cócegas na passarinha húmida. Ela agarrou-se de uma forma mais firme, obedecendo à ordem dele instintivamente, e cerrou os dentes. A mão dele aterrou uma e outra vez, o som de estalidos enérgicos de pele a bater em pele criava um contraste estranhamente erótico com as notas imensamente controladas e ricas da música sinfónica que lhe preenchia os ouvidos.

A cauda da bata dela caiu para cima de uma nádega. Ela inspirou de forma trémula quando ele se deteve por um instante para voltar a colocar, cuidadosamente, a beira da bata por cima da cintura, revelando novamente o rabo dela. Ela só conseguia imaginar como ele devia estar cor-de-rosa aos olhos de Lucien. Os pulmões dela arderam ao respirar quando ele esticou a mão por cima da racha entre as nádegas dela e esticou os dedos; as pontas dos dedos ficaram por baixo da palma da mão.

— Tão bonita — sussurrou ele.

Ela choramingou baixinho ao ouvir o tom de admiração na voz dele. Ele era tão grande que a envolveu toda. Ele esfregou e a vagina dela comprimiu-se com força. Ela gemeu fervorosamente, desejando... precisando do toque dele no seu sexo. Ele estava a apenas alguns milímetros da vagina dela. Ela rodou as ancas ligeiramente, esfregando-o sob a forma de um convite explícito.

*Trás.* Ela arfou devido à dor inesperada e aguda, infligida pela mão dele a estalejar contra o cu dela.

— Raios partam! — ferveu ela.

— Estás a fazê-lo outra vez — disse ele, com um fio de divertimento na sua voz severa.

— O quê?

— A tentar tomar as rédeas.

— Ai! Aaah... *merde* — resmungou ela por entre dentes de uma forma incoerente quando ele lhe bateu.

— De cada vez que tentares seduzir-me, bato-te uma vez extra. Submete-te, *ma chère*. Descontraí. Por agora sou eu que vou controlar tudo.

Uma lágrima escorreu pela face dela; ela, porém, permaneceu determinada e imóvel. Por alguns segundos, ela e Lucien tornaram-se numa só pessoa. Ela receava o fletir do músculo de Lucien, o balanço do braço dele, mas também ficava na expectativa, entendia-o perfeitamente... desejava e precisava dele. Ali, por alguns instantes, ela compreendeu exatamente o que é que Lucien quisera dizer.

*Disciplina. Necessidade.*

— Mais duas — ouviu-o rosnar.

Ela virou o rosto e viu o braço dele esticado para trás. Naquele momento ele pareceu-lhe assustador: as suas pernas longas ligeiramente afastadas, as narinas dilatadas, o olhar abrasador, músculos contraídos e tensos. Ele deteve-se com a mão para trás e olhou-a nos olhos. Aconteceu tão depressa que, mais tarde, ela perguntou-se se teria imaginado. Ele envolveu a anca dela com a sua mão livre e pressionou o cu ardente dela contra a sua virilha, esmagando-a contra umas coxas e um mastro duros como rochas.

Os olhos dela arregalaram-se assim que absorveu por completo as

dimensões dele... o calor dele. No seu âmago afluiu um líquido, uma resposta ao grito primitivo dele. Depois, abruptamente, ele desapareceu.

— Raios partam esses olhos — resmungou ele, por entre dentes, com uma voz pastosa. — Olha para a secretária ou juro-te que vais andar uma semana sem conseguires sentar-te confortavelmente.

Ela virou-se, fixando o olhar, sem ver, no mata-borrão que estava em cima da secretária dele, arquejando superficialmente enquanto ele estalejava as duas últimas palmadas.

Através dos sons em crescendo da sinfonia e do bater do seu próprio coração, ela ouviu o som da respiração esforçada e murmurada de Lucien. Ela não se mexeu.

O que é que ele iria fazer agora? Entre as coxas dela, a passarinha estava quente e molhada. Sentiu a excitação dele qual fogo distante mas poderoso; o calor dele parecia emanar contra o cu despido dela, provocando-lhe o sexo. De certeza que ele não se afastaria! Talvez ele a possuísse por trás. Aquela ideia fê-la entrar em pânico e, simultaneamente, excitou-a. Não estava preparada para isso. Começou a levantar-se de modo a poder tocar-lhe... de modo a poder dar-lhe prazer... satisfazê-lo...

... de modo a poder assumir o controlo daquela situação volátil.

Com *isso* seria ela capaz de lidar. Ele dissera que eles não fariam sexo, mas isso fora antes de terem gerado tamanho fervor. Ela ergueu-se e virou-se, satisfeita por ver a expressão fixa e rígida que ele tinha no rosto enquanto fitava o rabo dela. Assim que ela alcançou as calças dele, ele agarrou-lhe no pulso com uma velocidade estonteante. Subitamente, ela girou e ficou com as costas pressionadas contra a parte da frente do corpo dele, as nádegas dela ficaram pressionadas contra as coxas duras dele e a parte inferior das costas dela contra a opulência flagrante do sexo dele. Arquejou assim que ele lhe pegou no outro pulso, prendendo-lhe os braços com a mão. Ele baixou-se, encaixando o corpo dela na extensão longa e dura dele.

— Excitou-te, não excitou?

Um calafrio de excitação percorreu-a ao ouvir o som da voz deliciosa dele ao ouvido.

— Eu... detestei — mentiu, esforçando-se para levar a melhor, mesmo apesar de saber que estava a perder... mesmo apesar de cada vez mais não saber o que era perder ou ganhar no que dizia respeito a Lucien. O arfar dela transformou-se num gemido de excitação descrente quando ele mergulhou um dedo longo entre os lábios vaginais dela de forma abrupta e esfregou.

— Muito quente. *Muito* molhada — rosnou ele junto ao ouvido dela, aumentando os calafrios de prazer. — Vou curar-te dessa tendência que tens para mentir. No final senti-te a submeteres-te, mesmo que agora o

negues, e foste muito corajosa em aceitar que te espancasse. Aqui está a tua recompensa.

Ela deixou a cabeça cair para trás contra o peito dele. A fricção criada ao esfregá-la com o dedo era uma sensação divinal, perfeita. O clítoris dela começou a crepitar sob o toque dele. As ancas dela apoiaram-se ao prazer. Ele pressionou-a com mais força contra ele, de tal modo que ela pôde sentir o pau dele a latejar contra a parte inferior das costas e contra a anca dela. Ele tinha razão quanto ao facto de ela estar tão molhada: ela conseguia perceber isso através da facilidade com que o dedo dele deslizava. Até conseguia ouvi-lo a mover-se no interior do corpo lubrificado. Que humilhação.

*Que excitante!*

De repente, ela girou contra ele, ficando descontrolada devido à excitação crescente que sentia, com os dentes cerrados com força. Ela parecia não conseguir parar. Ele deu-lhe prazer de uma maneira ainda mais notória do que quando ela dava prazer a si própria, havendo algo na força comedida dele e na habilidade óbvia de provocar um motim de sentimentos de alegria no corpo dela. Todo o corpo dela ficou rígido e os mamilos endureceram de um modo quase doloroso, fazendo-a desejar que ele lhes tocasse, os beliscasse, para minimizar aquela pressão aguda.

— Maldito! — resmungou ela por entre dentes de um modo intermitente.

— Vem-te! — exigiu ele. A música elevou-se aos ouvidos dela, atingindo o clímax.

Cerrou os olhos e tremeu com uma libertação deliciosa.

— Isso mesmo — ouviu-o dizer, a voz dele aparentemente longe e, ao mesmo tempo, tão perto que parecia estar dentro da cabeça dela. — Haverá um dia que te virás assim enquanto eu estiver enterrado em ti e vai saber tão incrivelmente bem.

A mão dele continuou a mover-se entre as coxas dela, estimulando-a até ela vergar contra ele, arquejando. As pálpebras dela abriram-se lentamente um instante depois, quando ela sentiu a mão dele a abrandar e parar.

Por uns segundos, ela não se mexeu nem respirou enquanto ele envolvia a parte exterior do sexo dela com um gesto possessivo e sentiu o pau dele a latejar contra ela: duro, denso e mais do que pronto.

Ele libertou-a. Ela lamentou a perda repentina do calor dele.

— Veste-te — disse ele, com a voz rouca. Ela observou-o enquanto ele atravessava o escritório a passos largos, em direção a uma porta fechada. Assim que ele a abriu de rompante, ela percebeu que era a entrada para uma casa de banho.

A porta fechou-se com um estalido por trás dele.

Ele saiu de lá um instante depois, quando ela estava a acabar de apertar

as calças. Examinou-o com ansiedade por debaixo de pálpebras semicerradas, enquanto baixava a bata. O cabelo curto e denso dele estava despenteado de um modo sensual. As madeixas que lhe caíam sobre as têmporas e a nuca estavam húmidas, como se ele tivesse esparrinhado a cara e o pescoço com água. Ela sentiu-se como se, de repente, tivesse sido transportada para um país estranho, cuja língua ela não entendia. Não sabia como era suposto reagir a ele. Nenhuma das suas experiências sexuais anteriores a tinham preparado para aquilo.

— Porque é que também não vais lavar-te? — sugeriu ele, com um tom mais suave do que ela esperara, dado o nível de tensão palpável nele e a óbvia e contínua excitação.

Elise aceitou de bom grado a oportunidade para escapar temporariamente à presença perturbadora e estimulante de Lucien. Não queria que ele soubesse como ela se sentia estúpida, inadequada. Correu para dentro da casa de banho e fechou a porta por trás de si. As faces da mulher que viu ao espelho estavam coradas com um tom vermelho radiante. Os olhos dela estavam a brilhar. Ver a imagem dela depois de ter sido tão desarranjada pelo desejo foi outra experiência a estrear.

Como é que ela podia sentir-se tão humilhada com o que Lucien acabara de lhe fazer e, ao mesmo tempo, tão excitada? E, apesar da ansiedade que sentia quanto ao que Lucien faria a seguir, porque é que também sentia uma calma estranha depois do que ele fizera... uma tranquilidade acabada de descobrir?

*Tu consegues fazer isto, Elise. Tu consegues lidar com o Lucien Sauvage. Já convenceste dezenas de homens poderosos a fazer exatamente aquilo que querias.*

*Nenhum era tão impressionante quanto Lucien.*

Cerrou as pálpebras, silenciando a conversa irritante que estava a ter na sua mente.

O que acontecera no escritório de Lucien fora algo tão estranho para ela, tão poderoso, que a única maneira de que ela se lembrava para conseguir lidar com isso era ignorando. Ela avançaria com o seu plano. Afinal de contas, Lucien admitira desejá-la. Ela não estava totalmente desarmada.

Lavou-se e saiu da casa de banho, de cabeça erguida. Ele continuava de pé, de braços cruzados, claramente à espera que ela voltasse. Durante a ausência dela, ele baixara o volume da aparelhagem. Os olhos dele cintilavam por debaixo de um sobrolho descido, enquanto a examinava.

— Estás bem? — perguntou baixinho.

— Estou — respondeu ela, com algum atrevimento, contente por perceber que a sua voz soara uniformemente. Ele que pensasse que ela já fora espancada dezenas de vezes, tal como acreditava que ela já fora fodida por

metade dos homens de Paris. Ela não abriria o jogo e não revelaria as suas vulnerabilidades. Não permitiria que ele soubesse que acabara de dar vida ao mundo dela, ou que ela não soubesse ao certo como é que ele o fizera.

— Já acabaste de *me meter na linha*?

— Por agora.

— Ainda bem. Podemos então falar sobre o meu emprego?

**E**le voltou a ouvir a voz clara e melódica dela na sua mente uma e outra vez, sem parar. Abanou a cabeça uma vez como se para a expulsar.

— Tu não tens emprego — disse ele.

— Deixa-me trabalhar aqui até arranjares outro *chef*. Tu precisas de ajuda, Lucien. Não podes fechar o restaurante dias a fio. Pensa na quantidade de dinheiro que ias perder. Se isso não te interessa, pensa na desilusão dos teus clientes.

Ele sentia o maxilar a doer sempre que o abria. Foi um milagre Elise não conseguir ver como o corpo dele estava a tremer. Ele estava a vibrar com um desejo sexual mal contido. Não queria ter uma conversa racional com Elise, queria debruçá-la sobre a sua secretária e fodê-la até que todos os pensamentos lógicos no seu cérebro fossem incinerados por um clímax glorioso e explosivo nas profundezas do corpo dela. Talvez ele não devesse tê-la castigado. A lembrança da coragem dela em aceitar tudo aquilo, a lembrança do cu sumptuoso e cor-de-rosa, certamente dariam com ele em doido.

Não, ele fizera *bem* em castigá-la. Ele sabia-o bem no fundo, algures nas suas entranhas. Ele sentira uma serenidade nela, uma força, que era irresistível de contemplar. Ele precisava realmente de estabelecer algum tipo de imposição de limites no mundo dela. Lucien percebia isso desde que tinha vinte e um anos.

Mesmo assim, ela voltara às negociações e à manipulação.

— De que é que te serviria trabalhar no Fusion? Tu precisas de um mestre de cozinha com quem possas estagiar para acabares o teu curso, certo? — lembrou-a, frustrado com a persistência dela em relação ao assunto.

— Sim, mas eu podia continuar a ocupar o lugar até encontrares um. Com alguma sorte, o *chef* que contratares há de querer um estagiário. Se bem conheço o calibre dos *chefs* que escolhes sempre para os teus restaurantes, tenho a certeza que ele ou ela será aceitável para a minha escola, de modo a poder acabar o curso. Eu sou muito boa no que faço, Lucien. Tenho talento.

Ele fechou os olhos por um segundo e depois desviou o olhar. Detestava o tom de desespero da voz dela.

— Não tens de estar tão à defesa. Eu sei que tens talento. Achas que não provei amostras do teu almoço?

— Não me tinha apercebido — disse ela; o seu tom de surpresa pareceu autêntico.

— Eu não serviria nada aos meus clientes que não estivesse à altura dos meus padrões de exigência. Tu ultrapassaste-os. Tens uma compreensão inata da mistura francesa e marroquina de que estou à procura.

— Ah-ah!

A ferocidade dele voltou qual chicote a zurzir ao ver o sorriso presunçoso dela. Talvez ela tivesse sentido a luxúria acutilante que ele sentia a misturar-se com fúria, porque forçou o sorriso a desaparecer. Durante alguns segundos limitaram-se a olhar um para o outro em silêncio.

— Concordo com o que disseste. Eu não tinha muitos amigos em Paris — disse ela suavemente. — Mas tu já foste meu amigo, Lucien, quando nos conhecemos em Nice e eu era uma criança. Dá-me uma mãozinha outra vez. Por favor.

Ela era implacável. Ele suspeitava que ela sabia perfeitamente que ele responderia positivamente a uma súplica sincera de olhos arregalados. Ainda assim, o respeito pela persistência dela atenuou a irritação dele.

— Sou um doido por sequer pensar sobre isso — disse ele após um momento de silêncio encapelado. — Mas suponho que isso me permita vigiar-te ainda mais de perto.

Ela dirigiu-lhe um semblante carregado ao ouvir aquilo. Por vezes ela era mesmo capaz de o deleitar. A expressão dela suavizou-se assim que reparou no sorriso afetuoso dele.

— Não te vou desiludir. Vais ver. *Vou* fazer com que isto dê certo.

Ele deu um passo na direção dela.

— Não vais dizer nada à tua mãe nem ao teu pai, nem a ninguém que ambos conheçamos em França, de onde estou. Não vais dizer a absolutamente ninguém aqui em Chicago que já nos conhecíamos. Para o resto do mundo, nós só nos conhecemos ontem à noite. Não podes referir nada sobre o nosso passado. Nem. Uma. Palavrinha — disse ele sucintamente. — Estou a fazer-me entender, Elise?

— Perfeitamente — assegurou-lhe ela.

— Vais seguir as minhas instruções no que diz respeito ao teu trabalho sem respostas atrevidas e insolências. No preciso instante em que pisares a linha ou tentares manipular-me, vais ficar a conhecer uma consequência. Não vou tolerar que me desafies constantemente. Se não concordares com isso, então não podes ficar no Fusion. Essas são as minhas condições. Pagar-te-ei um salário até conseguir arranjar um *chef* novo. Se e quando

prosseguires o teu estágio oficial, o teu salário e o teu emprego oficial aqui acabarão.

— Tenho dinheiro suficiente guardado para conseguir chegar ao fim do estágio. Se me pagares um salário até o meu estágio começar, conseguirei esticar o que tenho para fazer com que tudo corra bem.

Ele dirigiu-lhe um olhar de relance curioso, fixando-o na imagem das faces e dos lábios corados dela. Não, não era fruto da imaginação libidinoso dele. A pequena Elise Martin ficara excitada com o castigo dele. *Muito* excitada. Treiná-la com a sua própria mão seria um prazer tão grande. O mastro dele latejou junto à coxa, como se estivesse a protestar por estar a ser ignorado, e indo aumentar ainda mais a fervura de emoções que ele estava a sentir. Virou-se de costas para a visão intoxicante dela, preocupado com a possibilidade de sentir o aroma dela caso inspirasse tão perto. Se isso acontecesse, não havia dúvida de que se passaria por completo.

— O teu papá não te deixaria morrer à fome — disse ele de um modo sardónico, contornando a secretária.

— Pois não. Mas eu morreria à fome antes de rastejar de volta para ele para lhe pedir outra esmola.

Ele sentou-se na sua cadeira, contente por a secretária ocultar a sua ereção ainda no apogeu. Achava a convicção dela apelativa. Elise tinha o que era preciso para atingir o sucesso no que quer que fosse que tentasse fazer. O demónio dela era a sua própria dúvida quanto à força, determinação e perseverança, dela própria. Se ela conseguiria vencer aquele demónio ou não, era a incerteza de Lucien.

Ele obrigou a sua mente a tratar dos pormenores concretos que tinha em mãos.

— Vou pedir à Sharon para te trazer um formulário de candidatura a emprego. Vou fazer-te um contrato como *chef* provisória. Sábado é dia de mercado — disse ele, pegando numa fatura e analisando-a. — Já que és tão hábil a conduzir um carro de corrida, suponho que consigas conduzir uma carrinha de tração às quatro rodas!

Ergueu o olhar de relance uma vez quando ela não respondeu de imediato.

— Deves ter ouvido como dou valor à utilização, nos meus restaurantes, de alimentos produzidos na região. Quero os ingredientes mais frescos e mais prístinos, produzidos por cá. Um dos deveres do meu chefe de cozinha é adquirir os itens de que ele ou ela precisa para a semana num mercado de produtores. Ser-se *chef* é mais do que somente cozinhar, Elise — acrescentou ele ao ver que ela continuava a olhar pasmada.

— Claro. Eu sei o quão importante é ir ao mercado — disse ela na defensiva.



Ele acenou positivamente com a cabeça.

— Mas, sendo tu nova na cidade, no país, já agora, tenho a certeza que vais precisar de alguma orientação para esse processo. Em alturas normais, o Javier ou o Evan irão contigo para te ajudarem, mas este sábado irei eu. Temos de lá chegar cedo para conseguirmos os melhores produtos. Consegues estar pronta às seis?

— Consigo.

Examinou-a através de um olhar estreito, pressentindo a desorientação dela. *Ainda bem*. Ela passara o tempo todo a baralhá-lo desde que ali chegara na noite passada. Até que enfim que ela parecia um pouco sem conseguir falar.

— Vou precisar da tua morada para poder ir buscar-te.

— Encontramo-nos perto do mercado, se me disseres onde é — disse ela, ofegante.

Ele indicou um cruzamento no bairro Gold Coast onde podiam encontrar-se.

— Amanhã vou marcar exames médicos para nós os dois — disse ele.

— Exames médicos?

— Sim — confirmou ele calmamente. — Ambos devíamos saber se estamos em condições para ter uma interação sexual. Eu sei que estou, mas quero garantir-te isso. Tomas a pílula? — perguntou ele com um tom uniforme.

Ela acenou afirmativamente.

— Ainda bem. Entretanto...

— Sim, querido? — espicçou-o assim que ele se calou.

O olhar dele apressou-se a encontrar-se com o dela. *Querido*. A palavra soara completamente forçada, treinada com frequência e no entanto... sem dúvida alguma, encantadora, assim proferida pelos lábios vermelhos e macios dela. Maldita! Sempre a virar o feitiço contra o feiticeiro. Ela esperou, com uma pontinha de divertimento a brilhar-lhe nos olhos.

— És minha funcionária. Por agora, manteremos a distância um do outro. Os olhos dela arregalaram-se com uma descrença furiosa.

— Foste tu que suplicaste pelo trabalho — lembrou-a calmamente.

— Mas isso não tem nada a ver com...

— *Tem* — retorquiu ele ríspidamente, lançando-lhe um olhar desafiador. — Lembras-te? As minhas regras? Vamos avançar ao meu ritmo, ou sofrerás as consequências.

A mão dela passou para o lado do seu traseiro, como se subitamente tivesse sentido a força da mão dele outra vez. Ele franziu o sobrolho; a pila dele deu um solavanco.

— Elise? — instigou, aguardando que ela concordasse.

— Pronto, *está bem* — resmungou ela, dirigindo-lhe um olhar rebelde antes de se dirigir para a porta.

— Mais uma coisa.

Ela virou o rosto para trás, indo de encontro ao olhar atento e sério dele.

— Nunca mais volte a chamar-me querido — rosnou ele suavemente. — Não sou nenhum dos teus rapazitos ofegantes, brinquedos sexuais descartáveis. Nem sequer sou o mesmo tipo de animal, nem de perto nem de longe.

Ele viu como a garganta dela se agitou assim que engoliu.

Enquanto a observava a fugir precipitadamente do seu escritório, e com o pau a latejar furiosamente num estado emocional em bruto, perguntou-se se acabara de desatar o primeiro nó do seu saco ou se atara e apertara o maior monstro de todos os nós.

**M**ais tarde nessa noite, estava Lucien a olhar para além das janelas, que iam do chão até ao teto do seu *penthouse*, no sexagésimo segundo andar, para um Lago Michigan cinzento e pesado, com um balão de conhaque na mão. Inicialmente não planeava passar a noite sozinho. Tivera um encontro marcado para depois do seu jogo. Planeava passar a noite como costumava passar depois de um jogo de polo.

Mas depois acontecera-lhe o dia de hoje. Depois *Elise* aparecera. E ali estava ele, sozinho, com uma confusão de assuntos pendentes, a cabeça inundada de dúvidas e um tesão que não remitia, por muito que ele se distraísse.

Naquela tarde tinham ganhado o jogo, apesar das infrações do seu feroz pônei de polo de raça argentina. Os seus companheiros de equipa tinham gozado com o facto de ninguém ser capaz de lidar com *Jax* exceto Lucien, mas não fora o seu cavalo que fora uma besta indisciplinada naquela tarde. Fora Lucien. *Jax* simplesmente pressentira o mau humor de Lucien e tornara-se demasiado agressivo com as suas pancadas defensivas contra outros jogadores, cometendo faltas.

O seu carácter fora desregrado em criança e jovem. Aprendera tudo sobre o controlo pela mão de uma namorada mais velha aos dezoito anos. Natalia sentira a necessidade que ele tinha de dominar as emoções e desejos e educara-o com sexo BDSM, sendo, normalmente, Natalia a assumir o papel de dominadora na cama. No entanto, não demorara muito tempo até a natureza dominante de Lucien se impor e o casal acabar por decidir, amigavelmente, que seria melhor cada um seguir o seu caminho. Lucien ficaria eternamente grato a Natalia por lhe ter ensinado o valor do controlo. Aos

trinta e um anos, não se considerava um dominador pesado e não precisava de o ser para obter satisfação do sexo com amantes casuais. Contudo, no que tocava a Elise, ele pressentia como era importante assumir imediatamente o seu papel como dominador sexual. Dominá-la dar-lhe-ia imenso prazer, mas ele intuía que isso seria importante para Elise. Ela não só tinha de aprender sobre o poder do autodomínio como de delegar o controlo a outras pessoas.

Tinha de aprender a confiar. Ele *precisava* que ela confiasse nele. Talvez não fosse justo pedir-lhe isso, dada a história dela no que dizia respeito a ligações frágeis e impermanentes, mas, de qualquer forma, era o que ele queria.

Como é que ele podia querer que Elise confiasse nele, se ele próprio lançava sementes de dúvida quanto à sua identidade... quanto à *honestidade* fundamental da sua existência?

*Não penses nisso. Isso não vai levar-te a lado nenhum, a não ser a um buraco negro de desespero*, disse ele a si próprio, irritado. O que ele dissera anteriormente a Ian era verdade. Mesmo assim... a nódoa ainda durava, sendo o seu legado uma dúvida inquietante quanto a si próprio e que ele não deixava que o dominasse.

Obrigou o seu cérebro a regressar à lembrança do jogo dessa tarde. Apesar da sua disciplina típica, permitira que o seu mau humor faltoso, já para não falar do seu estado de abandono, levasse a melhor sobre ele durante o jogo de polo e isso irritara-o.

Estava com um tesão tão grande quanto um touro cobridor. Passara a tarde toda assim, daquela forma intensa e dolorosa, desde que castigara Elise. Andar aos pulos sobre a sela durante o jogo apenas aumentara imensamente a pressão forte e desconfortável que sentia nos tomates. A lembrança de Elise debruçada sobre a sua secretária, de lhe aquecer aquela pele sedosa e macia do rabo despido dela com as palmadas da sua mão atormentava-o.

Ele satisfazia-se sempre depois dos jogos, isso era garantido. Desde que começara a praticar polo ainda em adolescente, fazer sexo depois de ter passado algum tempo sobre a sela tornara-se uma tradição para ele. Aquele jogo agressivo e intenso sempre o aprontara a brincar com alguma mulher.

No entanto, em toda a sua experiência de vida, aquela noite era inédita. Ele estava extremamente carregado de energia sexual, mas, pela primeira vez, não tinha onde gastar a sua tensão. Envolveu os tomates pesados através das calças e fez deslizar a mão ao longo de toda a extensão rígida da sua verga.

Naquele momento, foi implacavelmente dominado pela luxúria. Pela lembrança de Elise. Com um sentimento de resignação inevitável, pousou

o copo de balão e dirigiu-se para o quarto. Os seus dedos moveram-se rapidamente sobre os botões da camisa. Em vez de despir a peça de vestuário por completo, afastou-a somente dos lados, desnudando o peito e a barriga. Na gaveta da mesinha de cabeceira encontrou um frasco de lubrificante. Desapertou e baixou as calças, tirando a sua ereção, com a mão em forma de concha, para fora dos limites restridentes dos *boxers* justos, e empurrando o elástico destes para debaixo dos seus tomates pesados.

*Céus!*, estava com uma ansiedade dolorida.

Apressadamente, despejou um pouco de lubrificante na mão e esfregou o líquido sedoso no seu pau hirto. Cerrou as pálpebras devido à fricção contra pele demasiado sensível. Descontraíu e as comportas da fantasia abriram-se. Afastando as pernas e colocando-se numa posição estável, entregou-se à luxúria primitiva, estimulando o seu mastro com uma combinação de precisão e naturalidade violenta e selvagem.

Como seria ver os lábios rosa-escuros e exuberantes dela esticados em torno do seu perímetro, ver o seu pénis teso a mergulhar nas profundezas estreitas e húmidas dela, enquanto ela erguia o olhar para ele, com aquela rebeldia no olhar derrotada pelo desejo e o olhar dela a dar-lhe autorização para a usar e a perverter um pouco? Bela e doce Elise...

Os olhos dela chacinavam-no sempre.

Ali estava ele, de pé, em frente à janela que ia do chão ao teto, movendo o punho vigorosamente em torno do seu mastro. Abriu os olhos. O brilho dourado do candeeiro fornecia um reflexo turvo da imagem dele. Os seus músculos do peito e do abdómen contraíram-se com força, o seu pau parecia enorme na sua mão estimuladora.

Mas estava sozinho.

A imagem dos olhos cintilantes, cor de safira, de Elise quando se virara e tentara alcançar as calças dele anteriormente, no escritório, voltou para o assombrar.

Deteve-se, dormente e tenso com um desejo sexual insatisfeito. Não era a sua própria mão que ele queria, contudo era tudo o que tinha. Não se atiraria imediatamente de cabeça e de corpo e alma para o fogo de Elise. Ela queimá-lo-ia até não restar mais do que a casca dele.

Acabou de se estimular, rosnando com um prazer inegável. Masturbação, quando tudo o que ele queria era foder Elise sem misericórdia até sentir, no seu próprio corpo, as vibrações de prazer e submissão dela.

Malditos olhos reluzentes, lábios rosados, curvas estreitas e exuberantes que encaixavam perfeitamente na sua mão. Ela iluminava qualquer sítio em que entrava. Era tão pequena, mas tão perfeita. A rata dela servir-lhe-ia como uma segunda pele. Dominá-la dar-lhe-ia tanta satisfação. Castigá-la-ia por tê-lo enfraquecido e depois possuí-la-ia implacavelmente,

esgotar-se-ia... esvaziaria os seus tomates tensos e doridos com aquele desejo atormentador.

Pularia para o interior do fogo dela e arderia gloriosamente.

Soltou uma rosnadela gutural assim que o sémen quente esguichou para a parte inferior do seu peito; atingiu um clímax tão intenso que esteve muito perto da dor. Estimulou-se sem compaixão, espremendo-se gota a gota, implacável no ato de se libertar daquela tensão insuportável.

O seu corpo estremeceu uma última vez, abrandando agora o punho em torno do seu mastro latejante. Ainda ofegante, abriu os olhos. A partir do reflexo na janela do chão até ao teto, viu o seu peito e barriga a reluzir devido às suas ejaculações abundantes.

Desejou ter dado tudo aquilo a ela.

Incrivelmente, sentiu os tomates e o pénis húmido dormentes de desejo.

— Raios te partam, Elise! — resmungou ele com uma voz pastosa, irritado pelo seu desejo sexual insaciável.

Foi tomado pela perceção do inevitável ao recorrer a vários lenços de papel para se limpar. Ficou de pé em frente às janelas e fixou o olhar para além delas, para a noite que caía.

Ficar à mercê dela não era uma opção. Ela representava um risco inaceitável. Uma tentação exasperante. Um deleite inegável.

Não, ele não se privaria disso. Não desta vez.

**O** Sol estava a começar a erguer-se sobre o lago quando Elise saiu do autocarro no lado interior da autoestrada Lake Shore Drive e começou a caminhar para oeste pela Division Street. A subida lenta da esfera de fogo pareceu condizer com o aumento inevitável da ansiedade dela à medida que se ia aproximando da interseção entre as ruas State e Division... e de Lucien. Uma vez que passara os últimos dias absorvida pelas suas tarefas, vira-o muito poucas vezes e estava nervosa por ter de passar algum tempo sozinha com ele. Se, pelo menos, ele tivesse sugerido que ela fosse com Evan e Javier, ela poderia ter sido capaz de disfarçar a sua ignorância quanto às compras no mercado. Do modo como estavam as coisas, arriscava-se a fazer figura de parva à frente de Lucien.

Pressentiu-o a observá-la a partir do local onde estava: por baixo do toldo de uma montra a bebericar um café.

— Bom-dia! — disse ele quando ela se aproximou. Os olhos cinzentos dele pareciam especialmente iluminados sob a sombra do toldo. Eles percorreram-na de cima a baixo de um modo lisonjeiro.

— Olá! — respondeu ela, sentindo-se um pouco tímida perante o olhar ardente e atento dele. Ele estava muito sensual com umas calças de ganga

que lhe assentavam muito bem e uma t-shirt vermelha-escura, que exibia um tronco esguio e musculado e uns braços poderosos, criando um efeito chamativo. O vestuário casual fazia-o parecer um pouco mais acessível, mas igualmente apelativo, lembrando Elise de uma sensual estrela de rock em vez do típico homem de negócios que costumava ser.

Ele trazia a t-shirt parcialmente enfiada na parte da frente das calças de ganga, revelando um cinto de cabedal grosso e preto, com uma fivela prateada, que lhe caía sobre as ancas esguias. Ela reparou tardiamente que ele estava a estender-lhe uma caneca de café. Sentiu as faces a aquecer. Fora apanhada no ato de olhar fixamente para as coxas dele e para a forma como as calças de ganga lhe aconchegavam o sexo.

— Obrigada — sussurrou ela, agradecida pelo café àquela hora tão madrugadora. Bebeu um gole imediatamente. Os seus olhos arregalaram-se de prazer.

— Café *crème* — disse ela, com um sorriso de orelha a orelha. — Até te lembraste de como gosto do café.

O sorriso dele fez com que algo se agitasse no peito dela.

— Lembrei-me que costumava bebê-lo com quantidades praticamente iguais de café, natas e açúcar, como uma menina pequena. Continuas mesmo a gostar dele assim tão doce? — provocou-a.

Ela bebeu outro gole, respondendo-lhe com um suspiro de satisfação. Ele soltou um risinho e pousou a mão no cotovelo dela, incitando-a a andar.

— O taxista deixou-te no sítio errado? — perguntou ele, enquanto caminhavam em direção ao agitado mercado ao ar livre.

— O quê? Ah, não — disse ela, apercebendo-se de que, provavelmente, ele vira-a a caminhar na sua direção a vários quarteirões de distância. — Vim de autocarro.

Ele pestanejou.

— De autocarro?

Ela enterrou a mão no bolso da sua mochila pequena e retirou de lá um cartão.

— O meu passe da CTA. Fazes ideia do jeito que estas coisas dão? Entre autocarros e o sistema de comboios, posso ir para todo o lado em Chicago — explicou ela, com um tom de voz genuinamente espantado. Aprender a viajar de um lado para o outro fora uma experiência estranhamente libertadora para ela, vivificante, ao ter de entrar num veículo e de se misturar anonimamente com o fluir vibrante de humanidade, de se tornar numa única célula do fluido vital da cidade.

Os olhos dele reluziram, divertidos.

— Segura-lo como se fosse um crachá de honra.

— E é.

— O *Étoile* escreveria uma manchete e peras com isso — sussurrou ele, referindo-se ao jornal sensacionalista francês que ela odiava com todas as suas forças por ter exposto a sua vida de um modo sensacionalista e usando-a como forragem para vender jornais. — *Herdeira afortunada apanhada a viver em bairro de lata* — citou ele uma manchete imaginária.

— O *Étoile* que se lixe — retorquiu ela sucintamente. Virou o rosto em torno da multidão agitada à volta deles, concentrada nas compras e vendas sob a luz do início da manhã. — Aposto contigo em como *eles* não sabem o que é o *Étoile* e nem sequer queriam saber. Estão-se nas tintas para quem é o meu pai. Eles nunca devoraram as lamechices sobre a minha suposta vida amorosa. A maioria nem sequer se lembra dos filmes em que a minha mãe entrou...

— E nem sequer ouviram o nome do meu pai, quanto mais os crimes que cometeu.

Ela parou subitamente, surpreendida por ele ter mencionado o pai dele. Ele também parou e tocou na face dela, como se pretendesse apagar aquela expressão de surpresa. Ela ficou sem fôlego perante aquela carícia meiga e inesperada. As pontas dos dedos dele demoraram-se sobre a pele quente e firme dela.

— Aqui somos ambos fugitivos, acho eu — sussurrou ele.

— Prefiro considerar-me uma aventureira — retorquiu ela com um tom de voz baixinho. O sorriso brilhante que ele lhe dirigiu foi como uma injeção de adrenalina aplicada diretamente numa das veias dela.

— Estás muito bonita — sussurrou ele, baixando o olhar sobre o vestido leve sem mangas e florido que ela vestira para aquele dia quente de verão.

— Obrigada, mas prefiro ter o aspeto de uma chefe de cozinha.

— Uma chefe de cozinha aventureira? — perguntou ele, parecendo divertido e... cordial. Ela sorriu, completamente enfeitiçada.

Aquele momento delicado e encantado foi quebrado assim que ele começou a remexer no bolso das calças de ganga, sendo ela distraída por aquele movimento. Ele retirou um maço de notas de lá e entregou-lhas.

— Não te esqueças de pedir uma fatura para tudo o que comprares, se fazes favor.

Ela assentiu, olhando para o dinheiro com um apreço que não sentira durante a maior parte da sua vida. Era preciso não ter algo para se lhe dar o devido valor. Ela aprendera isso tudo durante o ano anterior.

Enfiou o dinheiro cuidadosamente na mochila e continuaram a andar, enquanto Elise olhava atenta e interessadamente para os vegetais e as frutas coloridos e sorria aos vendedores, sentindo-se, subitamente, como uma miúda numa loja de doces. O aroma a cebolinho invadiu-lhe o nariz,

seguindo-se depois uma fragrância agradável e doce que inalou profundamente: um agricultor cortara um dos seus melões às fatias. Ela ficou com água na boca assim que passaram à frente da banca dele.

*Tu consegues fazer isto*, disse ela a si própria.

Ela fizera compras em mercados com os seus colegas e com um professor, quando ainda andava na escola, não fizera? É claro que agora era diferente. Lucien estava a conceder-lhe o estatuto de chefe de cozinha. Ela estava encarregue daquela tarefa, pensou com um arrepio de excitação.

— Trouxeste a tua lista? — perguntou ele.

Os olhos dela arregalaram-se de pânico enquanto fitava algumas maçãs Granny Smith de um verde intenso. Ela era a chefe de cozinha; devia ter feito uma lista.

— Não preciso de lista. Decorei a ementa — disse ela com honestidade. — Vou escolher o que tiver melhor aspeto e for mais fresco para a próxima semana especial.

— Está bem — disse ele. Ela suspirou de alívio por ele ter parecido aceitar a resposta. Queria convencê-lo das suas capacidades a qualquer custo. — Nós costumamos comprar ao Jim Goddard, ali. — Apontou para uma banca onde estava um homem atarracado, de cabelo grisalho, sentado por trás de uma mesa. — Ele tem jeito para a produção de alfaces e rúcula orgânicas e os pimentos dele costumam ser bons. Se confiares em mim para o fazer, vou ali escolher o abacate e as vagens de ervilhas do Mort Sanger. Quando acabar, alugo um carrinho e trago-o para aqui.

Elise olhou de relance para a banca, para onde ele apontou a um quarto do caminho do quarteirão. Também estava ansiosa por ver, tocar e provar os produtos maravilhosos que lá havia, mas achou melhor tratar dos seus negócios sem que Lucien a observasse friamente.

Vinte minutos mais tarde, já se esquecera da ansiedade que sentira, e por momentos até mesmo de Lucien, enquanto conversava com Jim Goddard e enterrava os dentes num suculento tomate San Marzano.

— *Délicieux!* — exclamou ela, de olhos arregalados, à medida que o sabor doce e intenso lhe inundava a boca. Sorriu para Jim de orelha a orelha. Deu outra dentada e limpou o sumo que lhe escorrera para o queixo com as costas da mão. — Não vos entendo a vocês, americanos — castigou Jim de forma provocante depois de ter mastigado e engolido. — Como é que são capazes de meter aqueles molhos todos nas vossas saladas, se têm vegetais como *estes*?

— Não sou eu que faço as saladas; eu só produzo os vegetais — disse Jim, com um ar um pouco atordoado.

— E fá-lo muitíssimo bem. Qual é o seu preço para estas preciosidades delectáveis? — interrogou ela, segurando noutra tomate com a forma de



uma pimenta junto à boca e fitando-o com um ar faminto, tendo sempre a perfeita consciência de Jim estar a observar cada movimento dela com uma admiração estupefacta.

Dois minutos depois, já concluíra o negócio com Jim e ele afastou-se para colocar as compras dela em sacos.

— Regateaste os tomates, mas estiveste o tempo inteiro de olho num bom preço para a alface, sua espevitada — sussurrou uma voz profunda e deliciosa perto da cabeça dela, fazendo com que um calafrio lhe percorresse o pescoço. Ela virou o rosto e viu Lucien, mais perto do que esperara. Ele tinha o olhar fixo na nuca dela, como se estivesse a ponderar dar-lhe uma mordidela ali mesmo. Os mamilos dela endureceram sob o top de alcinhas que trazia por baixo do vestido.

— Como é que sabes isso? — perguntou ela inocentemente.

— Porque vi-te a comer um daqueles tomates há uns instantes, tal como o Jim Goddard comeu. — Ela observou como os lábios pecaminosos e sensuais dele se moviam, como se estivesse hipnotizada até se aperceber do que estava a fazer e se virar. — Depois daquela exibição, o homem teria metido toda a sua quinta no negócio só para conseguir vender-te aqueles tomates. O que são algumas caixas de alfaces para ele quando tem a possibilidade de te ver a transformares os vegetais dele em fruta sexual certificada?

— Não devias estar a queixar-te. Poupei-te dinheiro — retorquiu ela alegremente, continuando de costas voltadas para ele por adorar sentir a sua respiração quente contra o pescoço dela, a vibração da voz grave dele no seu ouvido.

— É só porque é um bocadito difícil não sentir pena de todos os homens indefesos à face da terra, quando os vejo a serem seduzidos por ti tão facilmente.

— Seduzidos? Não fiz nada de impróprio — insistiu ela, virando o rosto para ele.

Ele abanou a cabeça.

— Tu *respiras* de maneira imprópria, Elise. Tu eras capaz de tornar o ato de levar o lixo à rua como algo com uma classificação para adultos.

Ela ficou sem fôlego e sentiu os pulmões apertados ao ver o ardor nos olhos cinzentos dele.

Será que ela sabia realmente o que estava a fazer ao arriscar-se com Lucien Sauvage?

Assim que ele levantou a mão e lhe limpou o sumo do queixo cuidadosamente, ela acalmou-se e a dúvida dissipou-se do seu cérebro.

...

Colocaram todas as compras na maior carrinha pick-up preta que ela já vira.

— Estes americanos fazem tudo tão *grande* — resmungou ela por entre dentes ao ajudá-lo a fechar a porta da caixa aberta. Só conseguia imaginar a figura que faria ao tentar espreitar por cima do tabliê da carrinha enorme quando tomasse as rédeas das compras no mercado no sábado seguinte. Aquela carrinha brutal nem se comparava com o *Bugatti Veyron* com que costumava andar velozmente por Paris. Ai, ai... Pelo menos adquirir o direito de ficar ao volante daquele veículo monstruoso. Nunca fizera absolutamente nada para ganhar os carros que o pai lhe dera.

Lucien olhou para o seu relógio de pulso em platina.

— Anda, ainda temos tempo antes dos preparativos para o almoço. Vou levar-te a um sítio onde há outra coisa que os americanos fazem grande.

— O quê? — perguntou ela, sentindo o ritmo cardíaco a disparar assim que ele lhe pegou na mão.

— Já vais ver — respondeu Lucien, de modo elusivo.

Ela dirigiu-lhe um olhar duvidoso quando ele a conduziu até um pequeno restaurante, escondido inocuamente entre casarões caros em Gold Coast.

— A Casa das Panquecas? — perguntou ela dubiamente.

Lucien limitou-se a sorrir com ar de entendido e conduziu-a para o interior. Os aromas deliciosos a presunto e a geleia de ácer fizeram-lhe crescer água na boca.

— Está a haver alguma festa? — perguntou ela, perplexa, ao reparar na multidão que estava no restaurante e na atmosfera turbulenta.

— Não. Este é o tipo de manhãs que eles costumam ter aqui ao sábado e ao domingo. Os americanos adoram o pequeno-almoço de fim de semana. Para eles é uma celebração — explicou Lucien calmamente, antes de a anfitriã os cumprimentar alegremente e lhes indicar uma pequena mesa com um tampo de fórmica onde podiam sentar-se.

— Olha só para a quantidade de famílias... de amigos — disse Elise, examinando a multidão variada, em que toda a gente estava a conversar amigavelmente ou a mergulhar em montanhas de panquecas ensopadas em geleia ou em omeletas fofas. Em França, o pequeno-almoço era composto por café e um croissant e raramente era uma celebração. Para ela, a primeira refeição do dia era a menos importante e, definitivamente, a menos social.

Ela abriu a ementa coberta por plástico e fixou o olhar, espantada com página após página de comida decadentemente substancial. Lucien deve ter reparado no espanto dela, porque estava a sorrir quando ela olhou para cima.

— Isto é como uma Disneylândia da culinária.

— Passo a vida a dizer às pessoas que, no que diz respeito a cozinhar, os americanos fazem uma coisa como mais ninguém: o pequeno-almoço de fim de semana. Olha para eles — sussurrou ele. Pegou na mão dela, em cima da mesa, num gesto que parecia perfeitamente natural para ele, mas que fez o coração dela pular. Ela seguiu o olhar dele.

— E ainda dizem que os americanos jamais entenderão o verdadeiro significado de uma refeição francesa — sussurrou ele em voz baixa, observando as mesas cheias de pessoas, amigos e famílias alegremente descontraídos, a conversarem sobre a sua semana sem qualquer pressão, enquanto bebericavam café fumegante ou saboreavam uma refeição proibida pelo médico durante um instante precioso no final de uma semana agitada. Ela viu um adolescente a mostrar algo no iPad ao seu avô, inseguro mas interessado; um homem a ler o seu jornal *International Business Times*, enquanto a sua companheira lia atentamente um livro de autoajuda, ambos de mãos dadas com firmeza sobre a mesa. Viu miúdos a colorirem a ementa para crianças com um ar adorável como se tivessem acabado de sair da cama, com os cabelos despenteados e calças de fato de treino, calções e, ocasionalmente, até mesmo calças de pijama.

— Eu acho — disse Lucien baixinho do outro lado da mesa — que eles estão no seu melhor ao pequeno-almoço.

Ela olhou para ele e ambos partilharam um sorriso.

— Admiro o *chef* — disse ela.

Lucien deixou escapar um risinho.

— Imagino que seja mais um cozinheiro do que um chefe de cozinha. Mal se compara com a complexidade e a nuance do que nós fazemos.

— Obrigada, mas o que quis dizer foi que o admiro por conseguir juntar esta gente toda. Estas famílias — acrescentou ela, voltando a examinar todas aquelas pessoas descontraídas e felizes, com nostalgia.

— Sentes saudades de ter a tua família à tua volta, não sentes?

— Sinto saudades de ter uma família, ponto final. — Ficou surpreendida quando ele se esticou ao longo da mesa e lhe apertou a mão. Viu algo nos olhos dele, algo que entendia demasiado bem.

*Nós somos parecidos, tu e eu. Ambos sozinhos. Ambos inadaptados.*

*Mas não estamos sós quando estamos juntos,* acrescentou ela na sua cabeça. Um sentimento poderoso ganhou volume no seu peito.

— Como está o teu pai? — perguntou ele calmamente.

Ela fez uma careta.

— Está a ficar cada vez mais teimoso com a idade.

— Ele sempre podia ter sido um bocadinho mais teimoso em relação a ti — disse Lucien com um divertimento mordaz.

Elise revirou os olhos, mesmo apesar de achar que Lucien tinha razão. Ela não se importara sequer com metade daquilo que pensara que se importaria quando o pai deixara de a apoiar financeiramente. Talvez parte dela tivesse estado à espera que alguém na sua vida tivesse mostrado um pouco mais de coragem; se bem que, no que dizia respeito ao seu pai, ela suspeitava que ele não se manteria firme durante muito tempo se ela lhe suplicasse o suficiente. Ela fartara-se simplesmente, ficara demasiado exausta de exibir a quantidade exigida de adulação e regateio para que ele cedesse.

— Para além do seu mais recente período embirrento, continua praticamente como sempre. Continua a ser gay e a fazer de conta perante o mundo inteiro que é o Maior Garanhão Heterossexual de Toda a Europa. — Viu o pequeno sorriso de Lucien e respondeu-lhe com outro de um modo triste. — Meu Deus. Se pelo menos ele se apercebesse de que isso não importa nada à maioria de nós. *Nunca* teve importância nenhuma para absolutamente ninguém que seja próximo dele; se pelo menos saísse por um instante de dentro daquela sua cabeça brilhante e reparasse nisso. Se bem que, se ele se declarasse, a minha mãe estaria perdida. Depois como é que ela poderia justificar todos os seus casos amorosos?

Lucien roncou ao de leve, demonstrando compreender.

— Uma mentira disfarçada por uma máscara envolvida ainda noutra fachada. Era isso que eu pensava da minha infância.

— Como é que alguém alguma vez conseguirá reconhecer a verdade? — respondeu Elise suavemente.

Os seus olhares encontraram-se. Ela sentiu-se um pouco roubada quando a empregada de mesa apareceu e ele a largou, recostando-se no seu banco.

Praticamente uma hora depois, ela rosou com uma mistura de desconforto e de saciedade gustativa suprema ao saírem do restaurante.

— Aquelas panquecas de bolo de cenoura eram tão boas — disse ela, esfregando o estômago enquanto Lucien lhe abria a porta. — E a omeleta de bacon e queijo cheddar também.

— Não te esqueças dos *hash browns*<sup>1</sup> ou do waffle de mirtilo — disse Lucien, secamente, ao caminharem pela rua orlada de árvores, estando o passeio separado dos relvados verdes por uma cerca de ferro baixinha. Ela reparou em como ele estava divertido e riu-se. Ela pedira para experimentar demasiados itens da ementa, a sua curiosidade culinária fora despertada pela descrição que Lucien fizera dos pequenos-almoços americanos.

---

<sup>1</sup> *Hash browns* são uma especialidade norte-americana, que consiste em batata cortada em pequenos pedaços juliana, que depois são fritos sob a forma de um pequeno bolo. São servidos principalmente ao pequeno-almoço. (N. da T.)

— Como é que eu alguma vez poderia esquecê-los? Todos os ingredientes eram frescos e estava tudo tão delicioso.

Ele acenou com a cabeça na direção da Division Street e do mercado dos agricultores.

— Eles compram os ingredientes ali mesmo.

— Estava genial. Esta manhã foi maravilhosa. Lucien, podemos fazer um pequeno-almoço no Fusion? — perguntou, encantada com a ideia. — Dar-lhe-ei um toque que jamais esquecerás.

Ele olhou rapidamente para trás e apanhou-a a sonhar acordada com o pequeno-almoço dela. A expressão facial dele ficou séria. Ele virou-se e ela deu por si nos braços dele.

Aconteceu tudo tão depressa que ela nem teve hipótese de exclamar de surpresa. Num instante estavam a caminhar ao longo do passeio, e ela estava a provocá-lo e a sonhar, e logo a seguir já estava pressionada contra o corpo duro dele, com o queixo mesmo abaixo da linha dos mamilos dele, e ele a levantar-lhe o rosto em direção ao seu. Ela vislumbrou a fúria no olhar dele mesmo antes de a boca dele possuir a sua.

A língua dele, ágil e possessiva, perfurou os lábios dela. O sabor dele penetrou na consciência dela e ela derreteu-se contra ele, ficando com o corpo mole e elástico contra o comprimento sólido dele. As línguas de ambos deslizaram juntas de uma forma que a fez esquecer onde estava. O beijo que Lucien lhe deu no meio de um passeio de Chicago, numa manhã soa-lheira, foi a coisa mais deliciosa que ela alguma vez experimentara em toda a sua vida.

Gemeu de pena quando ele ergueu a cabeça um instante sensual mais tarde.

— Já me deixaste com a cabeça a andar à roda — disse ele, baixinho, junto aos lábios dela, com uma intensidade que a deixou sem fôlego. O olhar atento dele moveu-se pelo rosto dela, estreitando-se. — Desculpa. Eu tinha-te dito que não faria isto. Que tipo de exemplo de autocontrolo sou eu?

— Não peças desculpa. Eu gostei. Muito! — Ela acabou de falar com um sussurro, pressionando o corpo ainda mais contra ele para poder sentir o calor e os contornos dele. Ela apresentou um sorriso rasgado. — Quem é que quer saber do autocontrolo?

As narinas dele dilataram-se ligeiramente. A expressão dele tornou-se neutra. Ele afastou-se, mantendo a mão dada à dela.

— Quero eu. Anda — disse ele. — Devíamos ir para o Fusion.

Ela apressou-se para conseguir acompanhar os passos longos dele, sendo inundada pela desilusão. Não sabia o que dizer. Era óbvio que ele se sentia atraído por ela, mas simplesmente recusava-se a bajulá-la como os

outros homens faziam. Ele dissera que ela o deixara com a cabeça a andar à roda, mas fora ela que ficara completamente à nora com o caráter reservado dele, interpolado com momentos de sexualidade intensa, absolutamente viciante e crua.

Ela olhou de relance para o perfil atraente dele e fez uma careta. Ele dissera que queria que ela aprendesse a autocontrolar-se, mas a forma como ele a controlava não era nada justa.

**N**a terça-feira seguinte, Elise estava nervosamente à espera na sala de exames do consultório médico na Michigan Avenue.

Para grande desilusão dela, praticamente não vira Lucien desde que tinham ido ao mercado no sábado. Ele não andava a evitá-la — ou, pelo menos, assim o esperava —, era só porque os caminhos que cada um deles percorria não se cruzavam com muita frequência num restaurante tão atarefado. Ficara entusiasmada quando, nessa manhã, ele a puxara para um canto, às escondidas no Fusion, contudo somente lhe dera algumas instruções e entregara-lhe um pedaço de papel com a morada e a hora da marcação que ela teria no médico.

Ela soltara um suspiro de alívio quando ele lhe dissera que a consulta dele era a uma hora diferente e que não poderia ir com ela. Estava muitíssimo ansiosa por causa desta consulta e não queria que ele testemunhasse o nervosismo dela com aqueles olhos frios e perspicazes que ele tinha.

Elise ficou contente por ver que a ginecologista era bastante nova, assim que esta entrou alguns minutos mais tarde e se apresentou como sendo a Dra. Sheridan. Talvez ela não se risse com as perguntas e as confissões de Elise.

— Quando foi a última vez que fez um Papanicolau? — A médica fez a pergunta inevitável alguns instantes mais tarde ao fazer a parte de entrevista do exame.

— Eu... nunca fiz — disse Elise.

A Dra. Sheridan disfarçou a surpresa muito bem.

— É sexualmente ativa?

— Nunca tive relações sexuais com um homem. Eu sei que deve achar estranho, já que tenho vinte e quatro anos.

— De modo algum — assegurou a médica. — Atualmente há muitas mulheres que decidem esperar.

— Mas pode fazer o exame, se eu nunca tive relações?

— Claro. Mas fez bem em dizer-me. Usarei um espécúlo mais pequeno. Os músculos vaginais estarão apertados, mas as hipóteses de ainda ter

um hímen intacto aos vinte e quatro anos são muito reduzidas. Está em muito boa forma. É atleta?

— Eu corro. Costumava andar a cavalo quase todos os dias, mas já não tenho acesso a uma montada há um ano, mais ou menos.

— Se monta assim há tanto tempo, é provável que o seu hímen já se tenha rompido. Vamos dar uma vista de olhos.

— Se o hímen estiver rompido, então o homem nunca saberia, pois não? Que eu ainda sou virgem?

A Dra. Sheridan hesitou.

— Isso é importante para si? — perguntou ela calmamente.

— É.

— Provavelmente não. Não há muitos homens assim tão experientes na aferição de tais subtilezas. Mas eu recomendo-lhe vivamente a conversar com o seu parceiro, se vocês se tornarem sexualmente ativos. Seria melhor se ele pudesse ser o mais delicado possível.

Ela acenou que sim com a cabeça. A Dra. Sheridan deve ter reparado na ansiedade dela ao retirar a cobertura da bandeja que continha os instrumentos com que realizaria o exame.

— Não se preocupe. Vou-lhe dizendo antecipadamente tudo o que vou fazer.

O exame foi ligeiramente desconfortável, mas não foi tão mau quanto o que ela imaginara, nem de perto nem de longe. Segundo a médica, o facto de ela montar a cavalo regularmente, ou qualquer outra atividade, realmente rompera-lhe o hímen há muito tempo. Elise sentiu-se aliviada ao ouvir aquilo.

Quando a médica terminou e lhe disse para ela se vestir, Elise apoiou-se firmemente à sua coragem. Afinal de contas, Lucien marcara aquela consulta e pagá-la-ia.

— Aquilo que eu lhe disse quanto a nunca ter estado com um homem, isso... isso é confidencial, certo?

A médica ficou perplexa.

— Absolutamente. Dar-lhe-ei os seus registos e só a si lhe diz respeito com quem pretende partilhá-los. De qualquer forma, não haverá nada no registo para além dos dados pertinentes do exame.

Ela agradeceu sinceramente e a médica saiu da sala.

Elise tivera a sua quota-parte de homens e trocara prazeres sexuais com alguns deles. Mas nunca se deixaria ficar vulnerável. A razão mais simples era o facto de ser uma das mulheres mais ricas da Europa. Os homens tentavam cair nas suas boas graças tanto sexual como emocionalmente desde que tinha quinze anos. Ela não confiava que existisse algum homem que não usasse o corpo dela contra ela própria. Eles poderiam empenhar-se em engravidá-la e usar a criança como desculpa para casarem. Isso acontecera

a uma pessoa que ela conhecia, uma rapariga chamada Lucinda Seacon. Depois de Lucinda ter engravidado aos dezassete anos de uma combinação de um rabo de saias e caçador de fortunas, a mãe de Elise dera-lhe uma caixa de pílulas contraceptivas. Por uma vez na vida, Elise seguira o conselho da mãe e tomara-as.

*Mais vale prevenir que remediar.*

Contudo, qualquer homem poderia usar a intimidade para a manipular emocionalmente e levar a melhor. Para além disso, no que dizia respeito ao sexo, ela tinha o exemplo da sua mãe: não era exemplo a seguir, mas um exemplo a evitar. Qualquer homem atraente, de qualquer idade, era caça legal para Madeline Martin, incluindo muitos dos namorados de Elise. Elise recusava-se terminantemente a ir para a cama com um homem que já partilhara a cama com a sua mãe. Por vezes isso parecia ser metade dos homens de toda a Europa. A sua mãe até tivera a lata de se atirar ao seu amigo Michael Trent quando o drogara para que ele a acompanhasse numa visita a Cannes, suplicando-lhe que ele a apoiasse durante um fim de semana obrigatório passado com pessoas poderosas.

A sua mãe nem sequer se importara com o facto de Elise lhe ter dito que Michael era gay, lembrou-se ela com repugnância. A sua mãe tinha a beleza e o encanto dela própria em tão alta consideração que acreditava ser capaz de seduzir um homem homossexual ao ponto de o transformar em heterossexual. No caso do seu próprio marido não resultara, mas isso parecia deixar Madeline ainda mais determinada em tentar.

Típico de Madeline.

Por vários motivos, Elise nunca se sentira segura ou confiante em relações românticas ou sexuais. Portanto, era ela quem detinha o controlo. Tornou-se hábil a dar a um homem o que ele queria, a satisfazê-lo sexualmente, enquanto mantinha uma distância segura. Não planeava continuar virgem até aos vinte e quatro anos, mas nunca encontrara ninguém, enquanto adulta, com quem estivesse disposta a arriscar.

Até agora.

Ela não só desejava Lucien sexualmente, como também gostava dele. Talvez até fosse gostar para sempre, depois daquele verão que tinham passado juntos. Ela acreditara nele quando ele lhe dissera, no seu escritório, que também gostava dela. Naquele verão fora construído algum tipo de ligação invisível entre eles, e ela sentira-se feliz ao saber que ele também sentia essa ligação. Ela até podia deixá-lo frustrado e enfurecê-lo, mas ele gostava dela.

Para além disso, não havia qualquer motivo para Lucien andar à caça do dinheiro dela. Ele tinha o seu próprio dinheiro e, mais do que isso, mantinha-se completamente à distância da ganância financeira.



Não mantinha?

Havia aquela estranha obsessão que ele tinha por Ian Noble. Mas *não*, repreendeu-se a si própria, irritada, Lucien nunca faria nada sórdido para obter qualquer benefício financeiro. Quantas pessoas à face da terra se absteriam de aceder a uma fortuna gigantesca que era um direito adquirido por nascença?

Não, Lucien era o homem certo. Ela era capaz de lhe confiar o seu próprio corpo e bem-estar, mesmo apesar da história da dominação de fazer perder a cabeça, e já para não falar na reação sexual inédita que ela tivera em relação a isso.

Apesar de ter concordado com essa coisa, não queria que ele soubesse nada quanto à sua vulnerabilidade... à sua inocência relativa. Principalmente depois de lhe ter proposto um acordo sexual tão sofisticado. Primeiro, ele nunca acreditaria nela por causa de toda a publicidade enganosa que faziam dela. O desdém dele magoá-la-ia. Segundo, só de pensar em se entregar por completo, sabendo ele da sua fraqueza, fazia-a sentir-se demasiado nua. Demasiado exposta.

Lucien tinha segredos. Era mais que justo que ela também tivesse um.

**L**ucien caminhou a passos largos através do espaço interior vazio e silencioso do Fusion, sentindo-se especialmente cheio de energia na expectativa da reunião que se aproximava. Algo dentro dele mudara recentemente. Descobrira um novo objetivo ali em Chicago, e não tinha nada a ver com Ian Noble.

Estava a ponderar comprar um edifício *vintage* maravilhoso situado idealmente no centro sul de Chicago, perto do outrora venerável mas ainda atmosférico bairro de Prairie Avenue. A localização torná-lo-ia no sítio perfeito para um restaurante e um boutique-hotel elegante. Não era nada normal que ele não tivesse vários novos empreendimentos comerciais ao mesmo tempo. No entanto, controlara-se durante o ano anterior, por não ter a certeza de quanto tempo precisaria para tratar do seu assunto em Chicago. Continuava a ter vários restaurantes em Paris e um em Monte Carlo, juntamente com quatro hotéis *resort* luxuosos europeus de grande êxito. Há anos que aprendera o negócio dos hotéis em primeira mão com o pai. No entanto, todos os negócios que possuía atualmente tinham sido adquiridos e desenvolvidos completamente por ele, sem o dinheiro e a ajuda do pai. A única dívida que tinha para com o pai era a excelente formação que Adrien lhe proporcionara ao permitir que ele gerisse vários dos seus hotéis. Lucien achava que pagara muito dessa dívida com trabalho árduo e decisões lucrativas. Elise podia tê-lo chamado de herdeiro na outra noite,

mas, na verdade, Lucien nunca tocara num cêntimo da sua herança. Ele construíra uma fortuna respeitável sozinho e que um raio lhe caísse na cabeça se alguma vez metera dinheiro sujo ao bolso.

A decisão de dar início a um novo negócio mostrava que estava para acontecer uma mudança. Era como uma lufada de ar fresco a fluir sobre o acabrunhamento sombrio dos últimos anos.

Aquela ideia do ar fresco fez com que ele virasse a cabeça na direção da cozinha.

Eram três e meia da tarde, o período calmo do restaurante entre o bulício do almoço e do jantar. Ao longe ouviu o som metálico de panelas e imaginou Elise na cozinha: o seu rosto encantador com um ar sério, enquanto concentrava toda a sua atenção na sua tarefa culinária. A lembrança do sabor dela, quando a beijara espontaneamente no outro dia, assaltou-lhe a memória com pormenores vívidos. O sabor a geleia de ácer ficara na língua dela, mas, mesmo assim, o sabor dela, de Elise, fora ainda mais doce.

Passara uma semana desde que cedera e a contratara como chefe de cozinha provisória; sete noites cada vez mais brutais desde que tomara uma decisão em relação a ela. Tirando aquele beijo lamentável, ele mantivera a distância, perfeitamente consciente de que tinha de esperar. Afinal de contas ela era funcionária dele.

Por enquanto.

Ele mantivera-a sempre debaixo de olho. Todos os relatórios feitos pelo seu pessoal e pelos clientes regulares tinham sido excepcionais. Sharon expressara o seu espanto no dia anterior, quando fora ao escritório dele para lhe dizer que chegara outra candidata a chefe de cozinha para Lucien entrevistar.

— Está descontente com o trabalho da Menina Martin? — perguntara Sharon.

— De maneira nenhuma. Deveria estar?

— Não, toda a gente está delirante com a comida dela. E é muito agradável trabalhar com ela. Já reparou nos sorrisos de toda a gente quando ela está por perto? Não há dúvida que o Evan e o Javier têm uma energia renovada.

— Eu pago-lhe para cozinhar, não para dar energia aos meus funcionários de género masculino — resmungou ele secamente.

— Não são só os homens — prosseguira Sharon, sem se deixar intimidar pelo semblante carrancudo dele. Esse era um dos motivos pelos quais ele gostava de Sharon. Ela pensava pela sua própria cabeça. — Ela é uma boa mudança para todos nós. Sabia que a Maryanne ganhou bilhetes para um concerto de música clássica mas não podia ir por causa dos miúdos? — perguntou-lhe Sharon, referindo-se a uma das empregadas de mesa que era mãe solteira. — A Elise ofereceu-se para tomar conta da Allie e do

David para que a Maryanne pudesse ir. Isso teve muita importância para a Maryanne. E para mim também — acrescentou Sharon amavelmente. — E ela tem feito um trabalho culinário maravilhoso. Para que é que precisa de outro *chef*?

— A Menina Martin ainda não é chefe de cozinha qualificada — retorquira Lucien rapidamente, enquanto arrumava a secretária, preparando-a para a entrevista.

— Vá dizer isso aos seus clientes eufóricos — dissera Sharon secamente antes de sair para chamar a candidata a chefe de cozinha.

Ele fingira ser brusco, mas, na verdade, ficara satisfeito por Elise ter conquistado Sharon como sua protetora. Sharon não era nenhuma otária e todos os funcionários dele a admiravam.

Outra parte dele, porém, estava tensa, à espera que a outra bomba caísse. Um ambiente calmo e Elise *não* combinavam.

*Ela era uma tempestade à espera de desabar.*

Aquele pensamento veio-lhe à cabeça assim que abriu as portas de vidro fumado do Fusion e viu Elise no hall de entrada, com a sua bata de chefe de cozinha vestida, a falar com Francesca Arno, a namorada de Ian. Ela era vários centímetros mais baixa do que Francesca, apesar de duvidar que a maioria das pessoas repararia na iniquidade da altura de ambas as mulheres. Elise estava tão vibrante e animada, qual chama bruxuleante. Enquanto ele a observava, foram vários os transeuntes que se viraram para olhar para ela, e não foram somente homens. O seu caráter forte e o seu encanto palpável sempre o haviam espantado, mesmo quando ela era ainda uma criança.

A expressão de Elise mudou assim que reparou que ele estava a aproximar-se, mas continuou a conversar afavelmente até ele chegar junto dela.

— Senhor Lenault! Conhece a Francesca, não conhece? — perguntou ela, curvando os lábios rosados.

— Claro que conheço — disse ele, inclinando-se para cumprimentar Francesca rapidamente com um beijo na face.

— Ela acabou de me dizer que costuma correr — disse Elise. — Vou começar a treinar com ela para a maratona de Chicago.

— Costuma correr? — perguntou Lucien a Elise, disfarçando a surpresa.

— Sim. Comecei há um ano. É uma boa forma de *disciplina* — realçou ela, sendo o brilho desafiador nos seus olhos cor de safira exclusivamente destinado a ele.

— Não sabia que vocês já se tinham conhecido — acrescentou ele calmamente, ignorando o ataque dela.

— Eu apresentei-me a ela ontem à noite depois de experimentar o arrebatamento que é o prato dela de frango Essaouira e dos crepes com

morangos — disse Francesca, sorrindo para ele. — Ela é genial. Eu e o Ian perguntámos por ti no Fusion ontem à noite, mas disseram-nos que não estavas no restaurante. Tínhamos notícias muito importantes para te dar.

Francesca era sempre uma mulher encantadora, mas ele nunca a vira com um ar tão radiante quanto o que apresentou ao erguer a mão esquerda. Lucien riu-se e deu-lhe um abraço sincero. Reexaminou o requintado anel em platina com três diamantes que ela tinha no dedo ao terminarem o abraço.

— O Ian é um homem com muita sorte — disse-lhe ele com sinceridade. Abanou-lhe a mão de um modo provocador. — Tens força suficiente para usares um anel tão pesado?

— Tenho força suficiente — respondeu-lhe Francesca maliciosamente e ele soube que ela entendera perfeitamente o sentido duplo da sua pergunta.

Ele sorriu, contente com a escolha de Ian.

— Acredito que sim.

— Obrigada. Foi o Ian que o escolheu pessoalmente — disse Francesca, divertida e semicerrando os olhos. — E se souberes que não foi bem assim, não me digas nada.

— Foi mesmo ele que o escolheu.

Francesca irradiou alegria ao ouvir a resposta firme dele.

— No domingo à noite vamos dar uma pequena festa para amigos no *penthouse* para festejarmos. Espero que vás. A Elise também — disse ela a Elise de uma maneira irreprimível.

— Oh, que simpática em convidar, obrigada. Mas... acho que não posso. — Elise faltou à verdade, sendo os seus modos hesitantes e humildes absolutamente inacreditáveis para Lucien.

— É claro que pode — insistiu Francesca. — Acabou de me dizer que quase não conhece ninguém na cidade. Vai adorar os meus amigos Davie, Justin e Caden... Quer dizer, na verdade, o Justin e o Caden é que vão adorá-la, mas eles são relativamente inofensivos. E o Fusion está fechado aos domingos e às segundas, por isso não vai estar a trabalhar. Não é assim, Lucien? Diz-lhe! — Francesca olhou para ele de relance em busca de ajuda. Ele manteve o seu olhar no de Elise enquanto falava.

— Claro, devia ir, Menina Martin. Vai fazer-lhe bem arranjar alguns amigos numa cidade nova.

Os olhos de Elise arregalaram-se de surpresa perante o tom favorável dele. É claro que pensara que ele pretendia que ela recusasse o convite, mas o pedido sincero de Francesca bloqueara essa opção.

— O *Monsieur* Lenault também vai? — perguntou Elise, de olhos arregalados e inocentes.

— Não a perderia por nada deste mundo.

O ligeiro franzir de sobrolho dela disse-lhe que ela o entendera nas entrelinhas. Permitir que Elise andasse à solta pelo *penthouse* de Ian Noble sem supervisão?

Pouco provável.

**N**o dia seguinte, Elise ergueu o olhar quando Sharon entrou na cozinha.

— O Lucien quer dar-lhe uma palavrinha no escritório, Elise.

A faca que ela tinha na mão ficou imóvel ao ouvir o anúncio. Demorou um instante a recuperar, esperando que Evan e Sharon não reparassem. Afinal de contas, fora um anúncio aparentemente inofensivo.

— Podes assumir o controlo agora, Evan. Estás a fazê-lo na perfeição — disse ela com um sorriso tranquilizador enquanto pousava a faca. Ela estivera a ensinar e a ajudar Evan a rechear um galo capão. — Tenho a certeza que não vou demorar — acrescentou sobre o ombro depois de lavar as mãos.

Deu instruções a si própria para ignorar o nervoso miudinho que sentiu ao percorrer o longo corredor até ao escritório de Lucien. Ele não podia tê-la chamado por ela ter feito algo de errado. Os seus princípios laborais eram indiscutíveis. Na verdade, ela costumava ser a primeira a chegar de manhã, de tão ansiosa que ficava para começar a cozinhar. Parte dessa motivação poderia derivar da insipidez deprimente do seu quarto de hotel, já para não falar de um desejo de passar à frente do quarto de Baden Johnson antes de este acordar da sua embriaguez noturna, mas o que interessava era que ela já lá estava, pronta para trabalhar. Tornara-se perita em evitar o seu vizinho lúbrico e fedorento no hotel.

Sentiu um nó no estômago, devido à expetativa, ao bater na porta de madeira esculpida, sendo a sua ansiedade agravada pelas memórias gráficas do encontro anterior que tivera com Lucien no escritório dele e que lhe inundaram a consciência.

— Querias falar comigo? — perguntou um instante depois, quando Lucien abriu a porta. Estava vestido com umas calças de ganga pretas, uma camisola preta simples com um decote redondo subido e um blazer marfim que lhe realçava os ombros largos e a cor suave e bonita da sua pele. Ele era um homem tão pecaminosamente deslumbrante, uma espécie de mistura rara e mágica de origens desconhecidas; de certo modo, o mistério da sua existência encaixava perfeitamente no enigma magnético que o rodeava. Ela lembrou-se de quando lhe perguntara uma vez, durante o seu décimo quarto verão, descaradamente acerca do legado étnico dele. Tinham estado a pescar na doca,

um passatempo para o qual ambos gravitaram naquele verão, uma atividade simples e íntegra que tanto contrastava com as maquinações complexas dos negócios e das vidas sociais dos seus pais. Era bastante óbvio para toda a gente que Lucien não podia ser filho biológico da sua mãe loura e dolorosamente magra, e Lucien era muito mais alto do que o seu pai pançudo e a ficar careca. Lucien não se sentira ofendido, provavelmente porque reparara na sinceridade infantil e na simples curiosidade dela.

— Nunca vi nem conheci os meus pais biológicos. A minha mãe e o meu pai adotaram-me quando eu ainda era bebé — respondera ele, acenando com a cabeça para a linha dela. Ela puxara-a obedientemente e não havia dúvida de que um peixe lhe roubara o isco. Ele tirou-lha da mão sem comentar.

— Eu também sou adotada — dissera-lhe Elise. Ela já pensara isso milhares de vezes. Só podia ser verdade. De que outra forma poderia ela explicar o facto de se sentir como se estivesse a interagir com uma espécie totalmente diferente quando estava com os pais? O sorriso de Lucien parecera-lhe um pouco triste.

— Tu és a tua mãe escarradinha.

— Sou?

— És, mas um dia vais ultrapassar até mesmo a beleza dela — dissera-lhe ele enquanto voltava a meter isco na linha dela. Ele olhara de relance de lado e reparara na expressão dela. — És *parecida* com ela. Agora, o que quer que esteja dentro de ti, és tu que o vais criar.

Ela fitara o reflexo do Sol a dançar no Mar Mediterrâneo azul-celeste, não querendo que ele soubesse o significado que as palavras dele tinham para ela.

— Mas nunca pensas como será a tua mãe verdadeira? Nunca sentes falta dela?

Ela lembrou-se de que ele não respondera imediatamente.

— De vez em quando penso nela — dissera ele, devolvendo-lhe a cana.

— Mas é difícil sentirmos falta de uma coisa que nunca tivemos.

*Uma coisa que nunca tivemos.* Nem Lucien, nem ela tinham aprendido muita coisa sobre o significado de se ter uma mãe que cuida e que está sempre disponível.

Lucien acenou para que ela entrasse no escritório, trazendo-a de volta à realidade.

— Entre. Elise, quero apresentar-lhe a Denise Riordan, a nova chefe de cozinha do Fusion.

O olhar surpreendido de Elise passou rapidamente para a outra ocupante da sala. Uma mulher alta, de cabelo castanho-avermelhado e com

uma expressão severa, suavizada por uns olhos castanhos afáveis, levantou-se para a cumprimentar.

— Não sabia que o Lucien já estava numa fase tão adiantada do processo de contratação. É um prazer conhecê-la, Sra. Riordan — conseguiu Elise dizer, apesar da surpresa.

— O Lucien disse-me que é uma chefe de cozinha talentosa. Teria todo o gosto em tê-la como minha estagiária, caso as minhas qualificações sejam adequadas para a sua escola... e para si, claro — disse ela.

— Tenho a certeza que qualquer pessoa que o Lucien contrate tem as melhores qualificações — retorquiu ela, olhando rapidamente de lado para a distração que era a figura alta de Lucien a aproximar-se.

— Já tomei a liberdade de enviar os dados de candidatura da Sra. Riordan para a tua escola em Paris, juntamente com uma explicação quanto à mudança de planos. Devemos receber notícias deles rapidamente — disse Lucien.

— Obrigada — retorquiu Elise, estupefacta com o facto de ele ter enviado todos os esforços para facilitar o processo com a escola dela.

— Se me dão licença por um instante, preciso de falar com a Sharon. Deixo-vos às duas para poderem conhecer-se melhor — disse ele educadamente.

Denise Riordan e ela sentaram-se nas cadeiras à frente da secretária de Lucien e apresentaram-se melhor uma à outra. Quando Lucien voltou, vinte minutos mais tarde, ela estava certa que poderia trabalhar bem com a mulher mais velha e experiente. Dois *chefs* na mesma cozinha nunca era um cenário fácil, mas Elise estava ansiosa por aprender e não tinha qualquer problema em assumir o papel de subordinada. Era isso que ela esperava ao vir para Chicago e estava convencida que Denise Riordan tinha coisas substanciais para lhe ensinar.

— Por favor, fique mais um minuto. Preciso de lhe dar uma palavrinha — pediu Lucien a Elise depois de regressar e na altura em que a Sra. Riordan estava a despedir-se.

Depois de a nova *chef* ter fechado a porta por trás de si, nenhum deles falou durante alguns segundos. Sobre eles caiu um ambiente pesado e elétrico.

— Já vi o exame médico que me deixaste — disse ele. — Recebeste o meu?

— Recebi — respondeu ela descontraidamente, como se passasse a vida a falar sobre este tipo de coisas, apesar do calor que sentia nas faces devido ao embaraço.

— Gostas dela? Da Denise? — perguntou Lucien calmamente, de pé junto à porta.

— Muito. Suponho que não houve qualquer motivo para teres escolhido uma *chef* mulher, pois não?

— Escolhi a candidata mais bem qualificada.

Ela lançou-lhe um olhar frio.

— Eu não ia atirar-me para a cama de nenhum *chef* que contratasses.

Ele sorriu ao de leve. Ela acalmou-se ao ver as covinhas gémeas, o brilho dos dentes brancos.

— Então e o Mario?

— O que é que tem? — perguntou Elise, cruzando os braços por baixo dos seios.

— Não era nessa direção que iam as coisas naquela noite em que vos apanhei aqui aos dois?

— Não. Eu não tinha qualquer intenção de ir para a cama com o Mario.

— Então, o que é que estavas a fazer aqui com ele ao certo?

— Ele ia orientar o meu estágio. Quando ele me convidou para jantar, não achei que tivesse a opção de dizer não. Não sabia que ele pretendia tentar levar-me para a cama.

Ele dirigiu-lhe um olhar cansado e caminhou na direção da sua secretária.

— Está bem. Aquele vestido que trazias era a visão absoluta de um dia prático no escritório. Eu contratei o melhor candidato para o trabalho, mas não estou mesmo nada desiludido por ser uma mulher, verdade seja dita. Eu conheço o efeito que tens sobre os homens. Eles perdem cerca de quarenta pontos do QI deles quando estás por perto. Não há necessidade nenhuma de meter os fusíveis a trabalhar se se puder evitar isso.

— Estás sempre a ofender-me com as tuas alegações constantes de eu ser promíscua.

— Que engraçado — disse ele, nada preocupado com o facto de ela se sentir ofendida. Ele sentou-se na cadeira por trás da secretária. — Porque *eu* senti-me ofendido ao saber das tuas exibições promíscuas constantes. Até cheguei a testemunhá-las uma vez ou duas.

Ela aquietou-se.

— O que é que queres dizer com isso? — perguntou ela lentamente, sem ter a certeza se queria ouvir a resposta.

— Metade da Europa viu aquela foto tua a dançares nua em cima de uma mesa na festa de noivado do filho do arquiduque do Luxemburgo — disse ele secamente.

— Eu tinha um fio dental — defendeu-se de cabeça erguida. O olhar severo e irritado de Lucien, porém, fê-la encolher-se por dentro.

— Então e a noite em que te encontrei num nicho isolado na *Opéra de Paris*? Estavas ocupada a demonstrar aquilo que aparentemente era o teu



afeto entusiasta e profundo por um político casado de meia-idade. Creio que nessa altura tinhas dezanove anos. Lembras-te disso?

— Eu... tu... *espera*. — Sentiu um forte aperto no coração, que depois pareceu parar de bater no seu peito. — Foste *tu* que interrompeste quando eu estava com o Hugh Langier?

A expressão sarcástica dele foi a resposta.

*Afeto entusiasta e profundo.*

Oh não. Fechou os olhos, mas o olhar fixo de Lucien continuou a censurá-la. Ela não vira quem é que a apanhara no seu encontro com Langier; apenas sabia que alguém a vira. Saber que esse *alguém* fora Lucien fê-la sentir-se atordoada com vergonha. Como é que ela conseguia ser tão impulsiva, tão *estúpida*, às vezes?

Não. Não ia pensar nisso. Ela já *não era* essa pessoa.

— Duvido que gostasses do que fiz ao teu amante quando ele foi ao Renygat duas noites depois — resmungou Lucien por entre dentes. — Merdoso imbecil!

— Ele *não era* meu amante — disse ela, mas só depois processou por completo o que ele dissera. — Bateste-lhe ou alguma coisa do género? — Lucien lançou-lhe um olhar insípido. — Andaste à porrada com um *senador*? *Por minha causa*?

Ele não fez mais comentários, mas ela viu como as narinas dele estavam agitadas: um sinal seguro de que estava a subjugar a raiva dele. Aquilo que ele referira acontecera no auge da sua autoindulgência descuidada. Houvera uma altura em que ela achara que a vida não fazia sentido nenhum, em que tudo era uma piada para ela. A sua única preocupação era divertir-se o mais que pudesse e que se lixassem as consequências. As pessoas que a conheciam em Paris, já para não falar dos seus pais, tinham feito de conta que não viam nada durante o seu período mais louco e desesperado.

Não era melhor Lucien estar zangado *versus* indiferente a ela?

— Eu sei que acreditas em mim, Lucien. Mesmo que seja só um bocadinho. Eu sei que não és tão insensível quanto aparentas ser. Gostava que parasses de fingir — disse ela, mostrando a sua fachada de confiança.

— O que é que queres dizer?

— A Sra. Riordan disse-me que especificaste que o trabalho dela seria provisório enquanto me orientasse durante o meu estágio.

Estendeu-se um momento de silêncio entre eles. Ela ficara estupefacta e satisfeita quando a Sra. Riordan lhe revelara aquele pedaço de informação durante a conversa que tinham tido.

— E eu disse-te que, se queres viver nesta cidade, prefiro ter-te por perto onde possa vigiar-te. Por falar nisso — disse ele, falando por cima do som de descontentamento que ela emitiu. Ela sabia muito bem que ele estava só

a esquivar-se da revelação que ela acabara de fazer quanto ao facto de ele ter feito algo bondoso por ela. — Amanhã à noite gostava de te acompanhar à festa do Ian e da Francesca.

O coração dela deu um pulo. Denise Riordan fora contratada. Francesca já não era funcionária dele. Lucien sentir-se-ia agora mais livre para agir sobre a relação que propusera. Veio-lhe um pensamento à cabeça, rebentando o seu entusiasmo crescente como um torpedo certo.

— Queres vigiar-me, não queres? Já te disse que não ia dizer a ninguém que já te conhecia. Não confias em mim?

— Digamos que prefiro andar a uma distância que me permita observar-te, só para saber com o que posso contar.

— Por outras palavras, não confias.

— A confiança é algo que se ganha, Elise — disse ele calmamente. — E não te faças de coitadinha. Eu sei que também não confias completamente em mim. *Ainda* não confias.

A intensidade dele apanhou-a de surpresa. Interiorizou aquilo que ele dissera, sentindo-se insegura.

— Onde é que vou buscar-te? — perguntou ele passado um instante, apenas aumentando o desequilíbrio dela com a sua rápida mudança de assunto. — À morada que escreveste na tua candidatura?

— Não.

Apercebeu-se do quão abrupta soara. A última coisa que ela queria era que Lucien visse o hotel decrépito de estadia prolongada em que ela estava a viver. Isso só confirmaria a crença que ele tinha de ela ser estouvada e impulsiva. Pensou rapidamente ao aperceber-se do olhar atento dele.

— Podemos encontrar-nos aqui? À frente do edifício Noble Tower?

O rosto atraente dele ajustou-se para uma máscara ilegível.

— Claro, se preferires. Às sete e meia?

— Pode ser — disse ela, começando a recuar para sair do escritório. — Vemo-nos amanhã.

— Elise? — chamou ele rapidamente assim que ela pôs a mão na porta.

— Sim?

— Agora que contratei a Denise, o teu contrato de trabalho comigo cessou.

Ela susteve a respiração.

— Lembra-te só: as minhas regras — recordou-a de maneira significativa. — O facto de a Denise estar cá também significa que vais deixar de receber salário. Tu tens *mesmo* fundos adequados para viver aqui na cidade, certo?

— Claro. Não me disseste que o papá jamais me deixaria morrer à fome?

Ele ergueu o sobrolho devagar. Não gostando da expressão desconfiada que começava a instalar-se nas feições dele, ela correu porta fora.